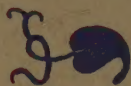


UNIVERSITY OF ARIZONA



39001004185800

OBRAS POÉTICAS
DE
EUGÉNIO DE CASTRO



VOLUME II

INTERLÚNIO · BELKISS ·
TIRESIAS

L V M E N

26170/2

OBRA POLITICA

SUCEDIO DE CASTRO

OBRAS POÉTICAS

DE

EUGÉNIO DE CASTRO

OBRAS POÉTICAS
DE
EUGÉNIO DE CASTRO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Real Academia Espanhola,
da Academia Brasileira de Letras, etc.

EDIÇÃO COMPLETA E DEFINITIVA

PRIMEIRO VOLUME: Oaristos — Horas — Silva *.

SEGUNDO VOLUME: Interlúnio — Belkiss — Tiresias.

TERCEIRO VOLUME: Sagramor.

QUARTO VOLUME: Salomé e outros poemas — A Nereide de
Harlem — O Rei Galaor — Saudades do Céu.

QUINTO VOLUME: Constança — Depois da Ceifa — A Som-
bra do Quadrante.

SEXTO VOLUME: O Anel de Polícrates — A Fonte do Sátiro.

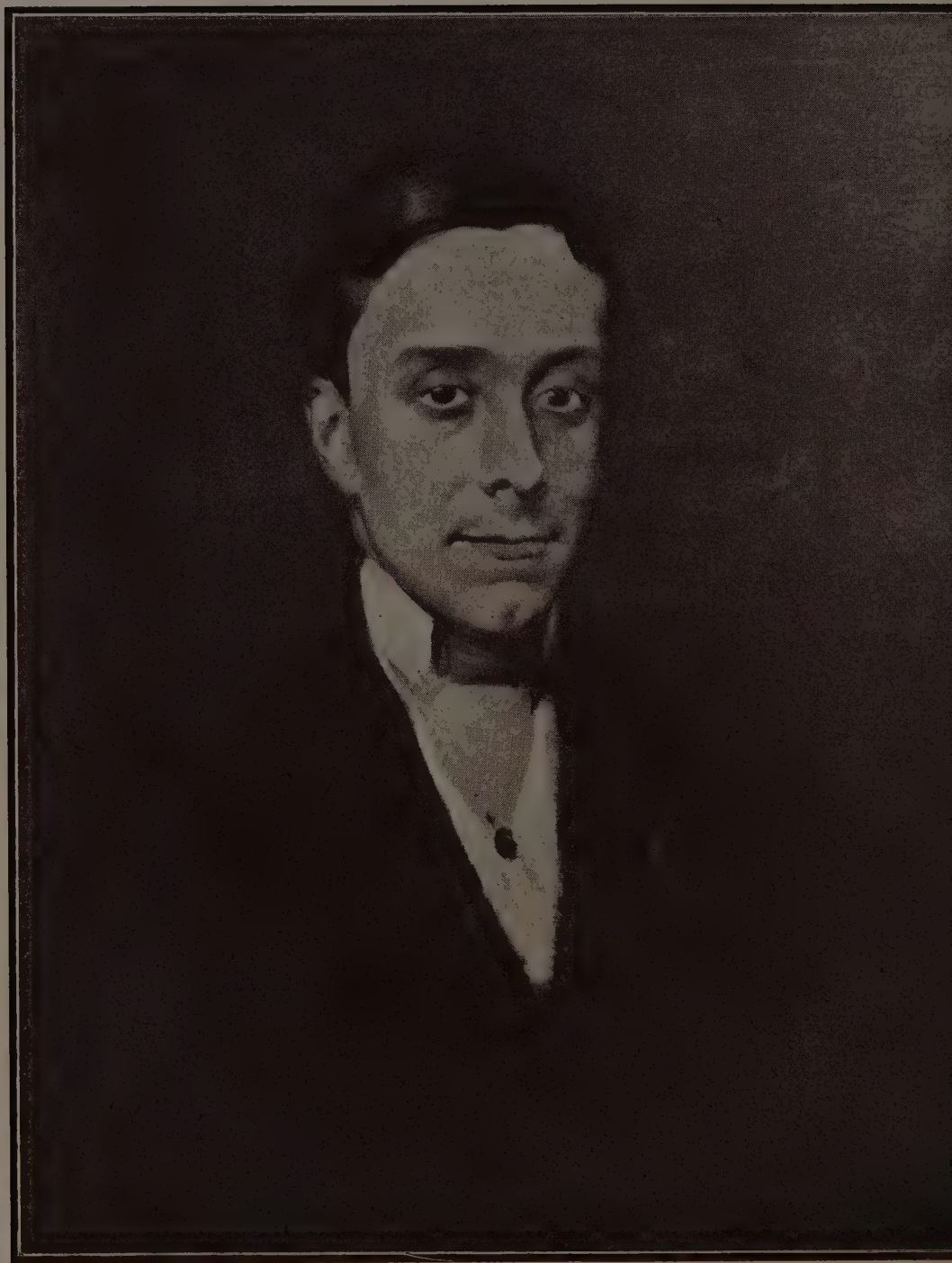
SÉTIMO VOLUME: Poesias de Goethe — O Filho Pródigo —
O Cavaleiro das mãos irresistíveis.

OITAVO VOLUME: Camafeus romanos — A Tentação de São
Macário — Canções desta negra vida.

NONO VOLUME: Cravos de papel — A Mantilha de medro-
nhos — A caixinha das cem conchas.

DÉCIMO VOLUME: Descendo a encosta — Chamas d'uma
candeia velha.

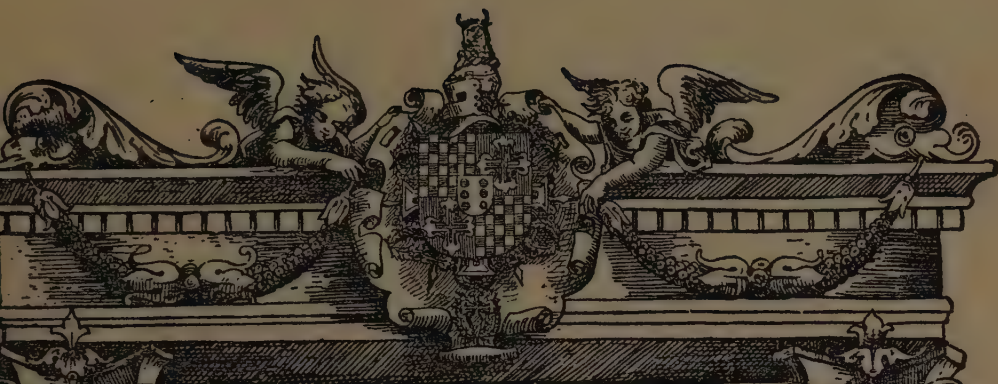
* Já publicado.



EUGÉNIO DE CASTRO

RETRATO A ÓLEO, POR COLUMBANO

(1892)



OBRAS POÉTICAS
DE
EVCÉNIO DE CASTRO

PQ
9241
C4
1927
v. 2



VOLUME II

INTERLUNIO · BELKISS ·
TIRESIAS



COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

IV

Interlúnio

BIBLIOGRAFIA

Do volume *Interlúnio*, há duas edições, ambas publicadas em Coimbra, por Francisco França Amado, a primeira em 1894 e a segunda em 1911.



PREAMBULO DA SEGUNDA EDIÇÃO

RELENDANDO hoje, antes de o mandar reimprimir, êste pequeno volume, cuja primeira edição apareceu há dezassete anos, e cujos versos foram escritos numa passageira mas violenta fase de exaltação moral, rudemente me chocou o áspero nihilismo que nas suas páginas ressumbra, fazendo de muitas delas um sombrio herbário de flores aziagas.

Se bem que o meu conceito da vida continue a ser fundamentalmente pessimista, o estudo, a experiência e a meditação foram-no temperando e adoçando com uma forte dose de resignação calma e quasi sorridente, e deixaram-me alcançar a melancólica serenidade em que vivo, e que, nitidamente afirmada nos meus últimos livros, singularmente contrasta com os desvairamentos dêste.

Assim, peço a quem me ler que não veja no reaparecimento do *Interlúnio* a teimosia de um relapso, que novamente abraça a heresia abjurada, mas tão sòmente o propósito em que estou de continuar sem lacunas a reedição integral e definitiva dos meus versos, empreendida para completo esclarecimento da minha modesta biografia literária.

Carregosa, 6 de Setembro de 1911.

EUGÉNIO DE CASTRO.



L'homme esgaré qui ne sçait où il va...

CH. D'ORLÉANS.

Aujourd'hui est mauvais, et chaque jour
sera plus mauvais — jusqu'à ce que le
pire arrive.

A. SCHOPENHAUER.

La mort est bonne, cependant il vau-
drait mieux n'être jamais né.

H. HEINE.

Il faut pleurer les hommes à leur nais-
sance et non pas à leur mort.

MONTESQUIEU.



PRESSÁGIOS

QUANDO eu nasci, tocava a fogo
Na minha freguesia,
E um meu vizinho, que perdera ao jôgo,
Golpeava as veias, quando eu nascia.

Chegando ao mundo, comigo vinha
Uma irmãzinha,
Pó que, mudado em flor, voltou logo a ser pó...
E eu comecei, chegando ao mundo, a ver-me só...

A linda gémea, que Deus me dera,
Logo morria, mal nascera,
Morria logo...
Na freguesia, tocava a fogo...

Com tais avisos, com tais presságios,
Breve me afiz a padecer, sem protestar,
Ódios, tormentos, decepções, lutos, naufrágios,
Os idos, os de agora e os mais que hão-de chegar.



INTERLÚNIO

A JOÃO DE DEUS

ENFUSCOU-SE a lua... Ríspido, o nordeste,
Entre os altos ramos, corre à desfilada...
Num pinhal sombrio, pela noite agreste,
Vai uma Rainha toda esfarrapada.

Os seus alvos seios de inviolado encanto,
Que o seu sangue cobre de vermelhas flores,
P'los rasgões espreitam do esgarçado manto,
Como pobrezinhas a chorar com dores.

Cada vez se torna mais profunda a treva...
E a Rainha corre, branca de aflição...
Leva os pés descalços e no peito leva
Sete espadas, sete! sôbre o coração!

As piteiras rudes rasgam-lhe os vestidos,
Já tão rasgadinhos, seja p'lo Senhor!
Vendo-a, os carnicheiros lôbos atrevidos
Mais os corvos negros fogem com pavor.

Por mais que abra os olhos, vê tudo às escuras,
E não há um astro que no céu desponte!
Tem fome, e não acha senão pedras duras,
Tem sede, e não ouve um marulhar de fonte.

P'ra enganar a bôca, molha os dedos finos
No sangue do peito que jorra em caudais,
E na água em que nadam seu olhos divinos,
Mas o sangue e o pranto ainda a escaldam mais.

— *«Porque é que não rompes, boa Lua, agora?
«Tem piedade, ó Lua! do meu padecer,
«Sê a minha doce, branca salvadora,
«Se tu me não guias, vou aqui morrer!»*

Mas a Lua dorme bem descansadinha,
É mais densa a treva, o furacão mais forte...
Sem parar, lá corre a lirial Rainha,
E atrás dela segue, vigilante, a Morte.

Na corrida, cai-lhe o diadema de ouro,
Põe-se a procurá-lo, mas não o acha, não!
Prende-se nas silvas seu cabelo louro,
E retalha os pulsos nos cardais do chão.

Resignada, avança, cheia de desgosto,
Já quási sem fôrças, quási a sucumbir;
Vai de encontro às sarças, corta as mãos e o rosto
Troeça nas penhas... e o luar sem vir!

Já lhe falta a vista, já não tem memória,
Já as mãos, de frio, se lhe tornam roxas!
Ai! gentil Rainha, cuja triste história
É de arrancar prantos aos metais e às rochas!

Lá no seu palácio alabastrino, cheio
De perfumes, sêdas e ouros cinzelados,
Corria-lhe a vida como um fino veio
De água, serpenteando por macios prados.

P'las serenas tardes, num balcão cimeiro,
A gracil Rainha punha-se a sonhar,
Com os olhos fitos no pinhal fronteiro,
Marulhante, vasto, verde como um mar.

De longe, os pinheiros, vendo-a no balcão,
Falavam com ela tentadoramente:
— « *Vem viver connosco nesta solidão,*
« *Se a Fortuna buscas, vem viver có'a gente!*

« *Entre os nossos ramos, um palácio existe,*
« *Misterioso, enorme, cheio de riquezas,*
« *Um grande palácio como nunca viste,*
« *Onde nunca entraram lutos nem tristezas.*

« *Ar, que aqui se aspira, derrama carícias,*
« *Fonte, que aqui canta, é um festim de côres,*
« *Quem cá mora, bóia num mar de delícias,*
« *Músicas, aromas, pedraria e flores.*

« *Deixa o teu palácio, vem viver no nosso,*
« *Bela flor de fogo que morres no gêlo;*
« *És nesse palácio qual rubim num poço...*
« *Que o rubim se engaste num diadema belo!»*

Ouvindo essa fala, toda estremecia,
Toda se agitava, de olhos no pinhal;
Já não ia à cama, no balcão vivia,
A pensar, tentada, no palácio astral.

Compassivamente, damas e escudeiros
Lágrimas bem tristes vertiam ao vê-la...
Mas nevadas pombas, por sôbre os pinheiros
Eram lenços brancos a chamar por ela...

Eram lenços brancos a chamar por ela,
Que por suas penas despertava dó...
Uma tarde (ardia a vespertina estrêla),
Abalou a ocultas, disfarçada e só.

Foi-se por caminhos longos, ignorados,
Por charnecas negras e azinhagas más;
E nem uma alminha nesses descampados!
Só a lua errando pelo céu lilás...

Morta de fadiga, cheia de poeira,
Viu-se, finalmente, no pinhal sombrio...
— «*Sê, ó Lua, a minha doce companheira!*»
Ia já descalça, tinha fome e frio.

Do palácio em cata, foi andando ansiosa,
Té que a Lua em pardas nuvens se ocultou...
Ai! pobre Rainha, pobre ambiciosa,
A ambição seguias e ela te matou!

Como geme e grita desvairada, a pobre!
Assustando sombras, feras e ladrões...
O seu sangue a veste, seu suor a cobre,
Lágrimas que chora, queimam, são carvões.

— «*Porque me deixaste, boa Lua, agora?*
«*Tem piedade, ó Lua, do meu padecer!*
«*Sê a minha doce, branca salvadora,*
«*Se tu me não guias, vou aqui morrer!*»

Mas a Lua dorme bem descansadinha,
É mais densa a treva, o furacão mais forte...
Sem parar, lá corre a lirial Rainha,
Indo-lhe no encalço, vigilante, a Morte.

Corre, corre atrás não sabe já de quê,
Numa tentação que a martiriza e enleva...
Do palácio de ouro nem sombra se vê...
Corre, corre... e em volta tudo é treva... treva...

O nordeste doido, com maldosas mãos,
Dá-lhe chicotadas, e ela quási nua!
Por fim cai num fôssco, inanimada... e então,
Das núvens saindo, reaparece a lua...





VAIDOSAS

O sino do cemitério
Veste saia de balão;
Na sua tôrre de pedra
Dança, mal vê um caixão.

Virgens de olhos azuis, delicadas e esguias,
Virgens de lácteo colo, e beiços de medronhos,
Belezas sem amor, lindas urnas vazias,
Que viveis a sonhar voluptuosos sonhos,
Oferecei-vos sem vergonha a quem passar,
À luz do sol que doura os pomos nos vergéis!
Aproveitai o tempo, o tempo vai a voar,
Tendes certa uma cova onde apodrecereis!

O sino do cemitério,
Lá está na tôrre a dançar,
Sinal certo de que folga
Vendo o coveiro a cavar.

Virgens de olhos azuis, e vós, virgens morenas,
Vós todas, que pensais que a formosura é tudo,
Vós, que possuís olhos macios como penas,
Bôcas primaveris e seios de veludo,

Vamos! despi os corpos de âmbar e de neve,
Deixai-vos enlear p'los amantes felizes!
Ah! que os seus braços vos abracem, porque em breve
Tereis apenas os abraços das raízes!

O sino do cemitério
É mais frio que o luar,
Todos em baixo aos suspiros,
E êle lá em cima a cantar.

Ó virgens! vossas virgindades desdenhosas
O olhar vos enchem dum orgulho sem disfarce;
Orgulhosas de quê? De que sois orgulhosas?
Dêsse leve frescor que em breve há-de fanar-se?
Quando, altivas, mirais em espelhos lucescentes
Vossos encantos nus, num êxtase secreto,
Se os vossos corpos se tornassem transparentes,
Todas, dentro de vós, veríeis um esqueleto!

O sino do cemitério
Gosta bem de namorar,
Se êle vos vê, ó Donzelas,
É capaz de vos chamar!

Rendas, sêda, cetim, musselina e pelúcia,
Braceletes e anéis de fulvas claridades,
Perfumes orientais e pelissas da Rússia,
Tudo isso apeteceis, vaidade das vaidades!
E no entanto um bem triste e sinistro vestuário
Em breve cingirá vossos corpos inermes,
Que ostentarão por fim, no caixão mortuário,
Com um manto de cal, um diadema de vermes!



TREZE

NÚMERO treze, negro irmão
Das alarmantes sextas-feiras,
Sinistro amante da apreensão
E das corujas agoureiras!

Todos os meses, quando tu passas,
Ouvem-se duros, fatais rumores:
São as tristezas, são as desgraças,
Brandindo gládios ameaçadores.

Nos festins de anos e dos noivados,
Surgindo como um pesadelo,
Dizes: *São treze os convidados!*
E todos êles ficam de gelo...

Nos bailes, onde te introduzes,
Mascarada a sinistra cara,
Clamas: *Dançais com treze luzes!*
E o riso morre e a dança pára...

'Inda vens longe, sócio do azar,
Já teu sombrio fantasma aterra
Os pais que têm filhas no mar
E as mães que têm filhos na guerra.

À meia-noite, nos descampados,
Sobes às negras tôrres sonoras,
Onde os relógios desarranjados
Dão treze horas!

Vais p'las cidades, corres nas messes,
E de pavor o solo esteiras...
E como ris, quando apareces
Às sextas-feiras!

Lúgubre cavador de abismos,
Fanal do luto, guião da dor:
Somando os teus dois algarismos,
Encontro um *quatro*, ó cavador!

Ódios cruéis, mil dissabores
Tenho sofrido,
Mas 'inda os hei-de ter piores,
Num dia *quatro* fui nascido...

Num dia treze vi êsse olhar
Que desdenhoso minha alma vê...
Num dia treze puz-me a chorar
Sem saber porquê...

Sino de incêndio, grito de alarme,
Nuvem de sangue num céu baço,
Quando virás tu visitar-me,
Trazendo a Morte pelo braço?



A UMA MÃE

PIEDOSA mãe: ¿porque acarinhas
Teu filho com tanto alvoroço?
Não lhe beijes as mãos tenrinhas,
Antes lhe torças o pescoço!

Não lhe dês leite, ó iludida,
Tem piedade da sua sorte:
Não lhe dês leite, o leite é vida,
E a vida é noite, luto e morte.

¿Acaso não terás receios
Do infortúnio que o ameaça?
Não lhe dês leite, corta os seios,
Corta essas fontes da desgraça!

Mãe de pupilas lacrimosas,
Não beijes tanto os seus pézinhos:
Não habitues a pisar rosas
Quem só terá de calcar espinhos.

Tens, de o suster, teus pulsos lassos,
Abre do manto as doces dobras:
Se o acostumas aos abraços,
Estranhará mais tarde as cobras.

¿ A quem na treva há-de viver,
Para que estás mostrando o dia?
¿ Não tens medo de o ver sofrer?
Vai pô-lo nu na neve fria!

¿ Sabes tu, ó mãe enganada,
Qual há-de ser o seu destino?
¿ Será traidor, ladrão de estrada,
Poeta, mártir ou assassino?

Não o vás lançar nas pelepas
Dêste mundo insolente e agreste:
Morde êsses beijos com que o beijas,
Arranha o ventre em que o trouxeste!

Não o tornes assim cativo,
Não lhe prepares cruas dores!
Antes tu o enterrasses vivo...
O seu corpo daria flores!





BEIJOS

QUE sêde, que sêde,
Que eu tinha de amores!
O amor era a doce, suavíssima rêde
Onde eu reclinava suspiros e dores.

Doidinho de amores, doidinho, doidinho,
Como uma menina por lendas de mouras,
Bati à porta das morenas e das louras,
Doidinho de amores, doidinho, doidinho...

Morenas e louras, ouvindo-me a voz,
Abriam as portas,
E abriam as bôcas, Senhor! mas após
Saía coroadado de ilusões bem mortas!

— «*Dai-me beijos novos, dai-me beijos novos*
(Assim eu dizia a cada uma delas),
«*Dai-me beijos feitos de veludo e estrêlas,*
«*Bôcas de veludo, dai-me beijos novos!*»

Assim eu dizia; e elas, apressadas,
Mil beijos me davam, mil beijos a esmo...
Mas... ai! minhas pobres ilusões fanadas!
Sempre, em tantas bôcas, um só beijo, o mesmo!

Beijos tão polares, como a água que gela,
Tão iguais, tão feitos p'ra a alma os esquecer,
Que, se num eu penso, fico sem saber
Se esta é que mo deu ou se foi aquela!

E, atrás dêsses beijos, quanta dor pungente!
Minha pobre bôca era o jornaleiro
Que fôra ao Brasil para ganhar dinheiro
E de lá voltara sem dinheiro e doente!

Doces pequeninos, homens de amanhã,
C'roai-vos com os lírios de S. Luís Gonzaga,
Fugi da Luxúria à pérfida vaga,
Fazei da Pureza vossa noiva e irmã!

Se heis-de ser beijados, mais vos val' morrer!
Vossos lábios sejam puras açucenas:
Antes nêles nasçam cancros e gangrenas
Do que nêles poisem beijos de mulher!





PODRIDÃO

IRMÃ da morte, ó mãe dos vermes,
Ó Podridão!

Sombrio horror das epidermes,
Filha da treva, da escuridão!
Bôca não há como essa tua,
Duma grandeza tão singular,
Maior que a lua
Maior que o mar...

Bôca insaciável, devoradora,
Louca, devoras quanto te dão,
Abres a fauce a toda a hora,
Com fome eterna, ó Podridão!

Nos cemitérios de todo o mundo
Tens mesa posta noite e dia,
Mas nada farta, nada sacia
Teu insondável ventre rotundo.
Crianças, tigres, flores azuis,
O rouxinol, o herói, o leão,
Tudo poluis,
Ó Podridão!

Seios de virgens, ventres de velhas,
Colos de monjas, brancos lilases,
Mãos de princesas, bôcas vermelhas,
Tudo transformas, tudo desfazes!
O roxo e o verde são tuas côres,
Ó Podridão!

Com elas tinges peitos e flores,
Filha da treva, da escuridão!

Vives nas covas, vives nos canos,
Negra madrinha dos negros corvos,
Vais onde queres, não tens estorvos,
E és sempre nova, mau grado os anos.
Tens a virtude da ubiquidade,
Ó Podridão!

Pelas aldeias, pelas cidades,
Todos te fogem com aflição.
Sobes aos montes, desces às valas,
Andas às chuvas e às ventanias,
E o nauseabundo cheiro que exalas
Causa doenças, epidemias.
Desces às minas, sobes à serra,
Vives no ar,
Vives na terra
E até no mar.

És a rainha mais poderosa
Do mundo inteiro,
Nada respeitas, ó vitoriosa,
Nem as grandezas, nem o dinheiro.

Os lindos corpos de Inês de Castro
E das duquesas de Brabante,
De Laura, a de pupilas de astro,
E da lirial Beatriz do Dante,
Sem piedade, sem compaixão,
Feroz e hostil,
Tu os fizeste em estêrco vil,
Ó Podridão!

Com teus negríssimos cabelos,
Sujos, pastosos, soltos pelos ombros,
Lanças o joio dos assombros,
Semeadora de Pesadelos!
Quando uma virgem, ingénua ainda,
Mirando o corpo em fino espelho,
Ri com um riso astral, vermelho,
Ditosa de se ver tão linda,
Tu lhe apareces, fria de gêlo,
Ó Podridão!
E lhe mostras seu corpo belo,
Podre, esverdeado, num caixão!

Má como os tigres, como as serpentes,
Teus crimes negros, repugnantes,
Assustas os agonizantes
E as mães que têm os filhos doentes;
Mas como certos assassinos,
Que em seus corações pestilentos
Nutrem, às vezes, sentimentos
Brancos e finos,

Tu possuis, entre tais horrores,
Uma virtude de almos brilhos:
 Crias as flores,
Como as mães criam seus louros filhos.

Negra comadre dos coveiros,
Avó dos mochos agoureiros,
Irmã da morte, mãe dos vermes,
 Ó Podridão!
Sombrio horror das epidermes,
Filha da treva, da escuridão!
Quando em ti penso, no teu poder,
 Quási endoideço!
 Quando eu morrer,
Queimem meu corpo, por Deus vos peço,
 Quero fugir à Podridão!





CATARINA DE ATAÍDE

Repousa lá no céu eternamente...

LUÍS DE CAMÕES.

Não fôra eu cansado peregrino,
Mas virgem de perfil melodioso,
E os destinos me desse o Deus piedoso
À escolha, escolheria o teu destino.

Deu-te o Senhor o Lírio Cristalino,
Que se quebra mal vem o impuro gôzo;
Tu o tomaste inteiro e luminoso,
E tal o conservaste, ingénuo e fino...

Foi-te a Ilusão qual ama carinhosa,
Qual sombra doce de floridos ramos,
Qual mão de sêda, derramando mimos...

Feliz! Feliz! Tiveste, ó venturosa,
O perfume de quanto ambicionamos,
Sem o travo de quanto possuímos.



CASAS ABANDONADAS

A SILVA PINTO

CASAS abandonadas,
Casas sem moradores!
Já não marulham ondas de sêda pelas escadas,
E as ervas no jardim abafaram as flores...

Os lagos do jardim são olhos cegos...
As salas vazias parecem maiores...
E nas paredes nuas os pregos
Lembram as espadas da Virgem das Dores...

Um espelho esquecido, congelado oceano
De tons sombrios, palustres,
Memora com saüdade a voz extinta do piano,
E a inquieta irradiação das jóias e dos lustres...

Ao pé duma varanda, onde se abrem martírios,
Jaz no chão uma rosa, e junto dela
Cartas rasgadas: lírios
Chorando a morte duma donzela...

A poeira sucedeu aos tapetes, e tudo
Exala um ar de desconforto envergonhado...
— Ai das que um dia se vestiram de veludo
E agora não têm calçado!

As paredes, o chão, as portas e as janelas
Tudo lembra o dia de ontem, alegre e claro...
— Ai das que foram ricas e belas,
E que hoje são viúvas pobres, ao desamparo!

Em vez dos risos infantis, as ladainhas
Do vento! O repuxo é um cisne a cantar...
— Ai das Rainhas sem côrte, das destronadas Rainhas,
De porta em porta a mendigar...

Da casa o coração chora com frio...
Pobre mãe! seus filhos a deixaram só!
E ora quiere ficar nesse amargor sombrio,
Pensando nos que, um dia, abalaram sem dó,

Ora apetece novos moradores
Em cujos sorridentes
E discretos amores
Possa esquecer os que se foram indifrentes...

Casas abandonadas,
Onde as noites são frias, e as manhãs
Pálidas! Casas abandonadas,
Minhas irmãs!



AO PRATEADO MONDEGO

PÁRA, Mondego! Pára, não prossigas,
Prateado rio, não caminhaes para o mar;
Ouve da minha bôca as palavras amigas,
Que te podem salvar!

De ambicioso que és, até parece
Que tens um frágil coração humano;
A ambição te subjuga e te endoidece,
Rio, quer's ser oceano!

À procura da luz, vais sumir-te nas trevas!
Caminhas para o mar, chegado lá,
A água doce que levas,
Salgada se tornará...

Antes que a tua alma chore arrependida,
Pára, ambicioso! para o mar não vás,
Que és sôbre a areia como nós na vida,
Que não podemos voltar atrás...

Olhos num traiçoeiro, fementido norte,
Não ouves dos mochos os fatais presságios?
Onde a vida buscas, vais achar a morte,
Eras bom e manso e vais fazer naufrágios!

Deixaste as serras límpidas, honestas,
E as aldeias viçosas,
Deixaste a sombra mansa das florestas,
E vais beijar cidades crapulosas!

Põe em mim os teus olhos de berilo,
Rio onde, ingénuo e moço, me mirei:
Como tu, na ambição busquei um flavo asilo,
E vê o que lucrei...

Vê como volto, com a alma esfarrapada,
Desiludido, cheio de amargor,
Dessa ululante Babilónia mais danada
Que a do perverso rei Nabucodonosor.

Fui à cata de rútilas grandezas,
Palácios de ouro, homens leais, moças divinas,
E só achei infâmias e torpezas,
Feras e ruínas.

Tristes os que caminham nesta vida,
Cegos, atrás duma ilusão traiçoeira!
Onde eu vira os jardins fabulosos de Armida,
Achei uma estrumeira!

Busca na solidão um carinhoso abrigo,
Enforca as ambições que te andam a tentar;
Pára, meu doce, meu prateado amigo,
Não corras para o mar!

Antes te beba a terra ou te demude em lago!
Detem-te! e se a piedade à alma trazes presa,
Lava-me a vista, que tão suja trago
De ver tanta impureza!





O PASTOR SOLITÁRIO

A BALTASAR FREIRE CABRAL

...j'ai peur de la vie
Comme d'un mariage!

JULES LAFORGUE.

NUM peito busquei
Perfumes amenos,
Perfumes busquei
E achei só venenos!

Quis ver-me bem alto
E bem admirado:
Quis ver-me bem alto,
Fui crucificado!

Aqui, acolá,
Só cardos colhi;
A vida era má,
Da vida fugi.

Cortei um cajado
Numa sebe em flor,
E vim p'ra o montado,
Onde sou pastor.

Vai de vento em popa
Minha vida lisa,
Alva como a estôpa
Da minha camisa.

Ergo-me cedinho,
Como o rouxinol;
P'ra saber as horas,
Meu relógio é o sol.

Como doces frutos,
Louro mel, divino:
Nem uma açafata
Tem comer mais fino.

Dêste meu recinto
Jamais me separo,
Só se alguém pressinto,
Que fujo e não paro.

Durmo bem e pouco
Num leito de giestas,
Minha avena toco
De manhã e às sextas.

E, ao cair da noite,
Vejo, em noites belas,
Na baía da noite,
Regatas de estrêlas.

Ninguém tenha dó
Dêste foragido:
Vivendo tão só,
Vivo divertido.

Nesta solidão
Tem minh'alma incauta
Por amigo, um cão,
Por noiva, uma flauta.





AMORES

A JEAN MORÉAS

JUDITE, a loura e magra, que ora vive
Entre palmas e mirra, nas novenas;
Dulce, a de peitos de hidromel e penas,
Com quem libidinosas noites tive;
Maria, a ingénua, a plácida e macia,
Ingénua como um pintassilgo, e pura
Como um mês de Maria;
Lídia, a trigueira hostil, severa e dura,
E Fábia, a de olhos perturbantes, lassos,
E de morenas, abrilinas pomas,
Fábia, cujos abraços
Me vestiam de aromas,
Todas adorei,
Todas me adoraram,
E todas choraram
Quando as desprezei.

Antes de as possuir, antes de as subjugar
Co'a fôrça do meu verbo e a luz do meu olhar,
Em cada uma eu via o céu aberto;
Mas, apenas ao peito as comprimia,
O meu entusiasmo arrefecia
E o céu sonhado transformava-se em deserto...

Ante a posse, os desejos esmorecem:
Do amor na amarga pugna,
Fui como os doentes que tudo apetecem
E a quem tudo repugna...





ALMA PENADA

A FIALHO DE ALMEIDA

ONTEM, da tarde ao fim,
Da lua ao nascer brando,
Tangia eu a minha frauta, quando
Uma sombra parou ao pé de mim.

Era uma núvem desmaiada, exangue,
Como as rosas dos lúgubres caminhos,
Dentro da qual, coroado de espinhos,
Havia um coração a arder e a verter sangue.

Atónito, assombrado, em desvario,
A sombra interroguei, do pasmo ao nível,
E uma bôca invisível
Assim se abriu:

— «Como eu te invejo, a ti, que achaste o encanto
Desta suave solidão macia!
Não deixasse eu a minha, e não teria
Sofrido tanto...

«Nos deleitosos prados
Do prateado Mondego,
Pastoreando em sossêgo
Minha inocência e meus gados,
Algum dia fui pastor,
E andei atrás dum rebanho
Numa ignorância de dor
Que agora, por mal, não tenho...

«Nesses tempos puríssimos, vivia
De leite branco, doces frutas, louro mel,
Águas de prata bebia,
E dos meus ombros caía
Farto gibão
Feito de grosso burel:
Corria-me a vida clara,
Sem estas barbas na cara,
Sem penas no coração...

«Tinha um cajado todo florido de açucenas,
Como o de São José,
E nas manhãs serenas,
Quando o dourado sol se punha a pé,
Minha frauta soava de tal arte
Que, num vôo fugace,
Os próprios rouxinóis vinham de toda a parte
Pedir-lhe que os ensinasse...
E até as águas correntes,
Que ali corriam,
Ouvindo as notas dormentes
Do meu suavíssimo carne,
Esquecidas a escutar-me,
De caminhar se esqueciam...

«Porém, Deus entendeu que eu não mer'cia
Tão completa ventura,
Ou quis mostrar-me que a ventura é um dia,
Dia de inverno, de bem pouca dura.

«Certa manhã, andava eu num prado
Todo geado de malmequeres,
Quando, num alto monte, vi, pasmado,
Quatro lindíssimas mulheres.

«Uma, a Fortuna, disse-me: *Dar-te hei
Tudo o que queiras, todos os regalos;
Em ouro nadarás, serás Cardeal ou Rei,
Terás jardins, palácios e cavalos!*

«*Eu sou a Glória, meu ingénuo amigo!*
Disse a segunda: *A vida é bem fugaz;
Só a Arte é eterna! Vem comigo
E eternamente viverás!*

«*Eu sou a Liberdade,*
Disse a terceira, de olhos fulvos, de leoa:
*Como as águias, terás do céu a imensidade:
Toma estas asas, voa!*

«A quarta assim falou, por fim, com voz de prata:
*Sou a Alegria, mãe das festas e dos guisos!
Vem! A Tristeza faz envelhecer e mata...
Tua vida será cheia de sol e risos!*

«Tentado por essas vozes,
Que ainda no ouvido tenho,
Abandonei o rebanho
E, com passadas velozes,

Fui-me por montes e vales,
P'lo Diabo conduzido,
Que de tê-los percorrido
É que nasceram meus males.

«Bem perto o monte julgava,
Mas bem distante êle era:
Parti pela primavera,
No estio ainda lá não estava.
Tinha o inferno na cabeça,
E elas, lá em cima, a chamar:
— *Vem depressa, vem depressa,*
Se nos quiseses alcançar...

«Alcançado quási as tinha
Quando, um dia, por meu mal,
Vi, à porta dum casal,
Certa moça trigueirinha...
Preso pelo encanto doce
Dêsse olhar, cabelo e fala,
Como se eu de pedra fôsse,
Pus-me, parado, a admirá-la;
E a admirar-lhe as mãos macias,
Do seio os redondos frutos
E a boquinha de rubim,
Ali fiquei largos dias,
Que julguei breves minutos,
Tão esquecidinho de mim,
Como aquela santa freira
Que passou trezentos anos
A escutar um rouxinol...

«Ail desumana trigueira,
Lindos olhos desumanos,
Frios e com tanto sol!

Apenas, doido de amor,
Meu amor lhe confessava,
Logo ela, com desamor,
O peito assim me golpeava:
*— Vai-te em paz, vai-te com Deus,
Por insuas, outeiros, prados...*
*Meus peitos não serão teus,
P'ra outro estão reservados;
Vai-te em paz, vai-te em paz por essas serras,
Pobre serás se não achar's outro tesouro!*
*Sou rica, tenho gado, tenho terras,
E trago ao peito seis cordões de ouro;
É meu o campo que ali se descobre,
Aquele mato e os pinheirais de além:
Vai-te! não quero ser mãe
Dos filhos dum pastor pobre...*

«Então ergui os olhos alagados
Para o monte que eu tanto apeteцera
E onde pusera
Todos os sonhos, inda os mais dourados.
Mas ai! pastor, bem distraído foras!
Vendo-me distraído,
As quatro tentadoras
Tinham partido...

«Doido de mágoa, pus-me à cata delas,
Desvairadamente, lívido, arquejante,
A correr, a correr, sob o sol e as estrêlas,
Sem nunca descansar, como o Judeu Errante;
Percorri montanhas, percorri florestas,
Cidades e aldeias rindo entre o arvoredor;
Quando eu apar'cia paravam as festas,
E os cães e as crianças fugiam com medo...

Meu cabelo fez-se de opalas,
Perdi a vista, já não podia caminhar...
Envelheci a procurá-las...
E morri sem as encontrar...»

Calou-se a voz... e a sombra dissipou-se
Como um fumo subtil...

— Ah! como é doce
Viver longe do mundo vil!

A viração branda e medrosa
Tocava harpa nos ramos secos:
Então, tomando a minha frauta melodiosa,
Tranquilo, pus-me a conversar com os ecos...





BODAS NEGRAS

A MAURICE ROLLINAT

Na paisagem que vejo, entre neblinas densas,
Dum pesadelo pelo absurdo cosmorama,
Passa a teoria apavorante das Doenças,
Que se aproximam, trágicamente, da minha cama.

Triste, a Tísica vem pálida, em desalinho,
A suar e a tossir, vencida p'la canseira;
Os seus olhos queimam as rosas do caminho,
E sob a sua pel' já se vê a caveira;

Desfalecida, seu coração nada em bazarros,
Floridos sonhos;
E a neve pura, onde ardem seus escarros,
É uma salva de prata com medronhos.

Cheio de sangue e pus, duma donzela
Na bôca virgem, o Cancro ri, às gargalhadas;
Ninguém quer os seus beijos, pobre dela!
Cheira-lhe a bôca como as tumbas mal cerradas.

Grávida hedionda, com vinte filhos na barriga,
Uma matrona passa lívida, sombria;
Não dá um passo que não caia, de fadiga,
Sôbre o seu ventre, canta vitória, a Hidropisia.

A Cólera pragueja, altiva e onipotente,
Sôbre um negro dragão de olhos esbraseados;
Os que ela atinge morrem no chão, convulsamente,
Co'as entranhas a arder, negros, desfigurados.

Surgem atrás a Raiva, o Aneurisma, a Morfeia,
A Variola e o Tifo, em convulsões e aos ais;
E dessas lôbas a negríssima alcateia
Cada vez, cada vez se vem chegando mais!

Serei daquela que chegar primeiro!
E todas elas a primeira querem ser!
Com lençóis de terra, um velho, lúgubre coveiro
Abre um leito para o noivado que vai haver.

Correm p'ra mim, por mim apaixonadas!
Todas ambicionam minhas mãos inermes,
Todas se querem ver em meus braços deitadas,
Todas querem ser mães de meus filhos — os vermes!

O seu negro tropel troa como um canhão...
Correm! e enquanto escuto o soluçar da goiva,
Que o carpinteiro move, ao fazer-me o caixão,
Entre as lôbas, procuro a minha estranha noiva!



A RESPOSTA DA LUA

A FRANCIS VIELÉ-GRIFFIN

ALGUÉM lá em cima morreu,
Tão grandes lutos vestem o céu.

Pelas landes, pelos brejos,
Choram sangue os meus desejos...

Vêde, por landes e brejos,
Os meus trágicos desejos:

Os Almocreves, que caminhavam as noites todas,
Paralíticos, vão em cadeiras de rodas.

Dos Jardineiros a alma se lanceia:
Morreram os lírios plantados na areia...

Os Mareantes vão agonizar
Num país sem mar...

Os Pastores são enfermeiros de hospital,
E os Moleiros cavam na vala geral...

Rainhas louras, de cerúleos olhos,
Caminham descalças, cheias de piolhos...

Puras Virgens fogem, em corrida louca,
Dum velho cioso com um cancro na bôca...

E os corvos sinistros, com golpes profundos,
Grasnando, desolham, os reis moribundos...

*

Alguém lá em cima morreu,
Tão grandes lutos vestem o céu.

— Lua, farol dos scismadores,
Musa dos ninhos, madrinha das flores;

Lâmpada suave dos sombrios,
Pura hóstia para a comunhão dos rios;

Bordão de açucenas,
Que levas os cegos por vias serenas;

Ó Lua, ó Luar,
Vem-me guiar,
Que eu sou pequenino,
Não sei para onde devo caminhar...

Tem dó, compaixão,
Vem-me iluminar nesta escuridão!

Lua, solícita enfermeira,
Tu, que lá de cima vês a terra inteira,

Mostra-me um lugar sossegado, manso,
Onde esta fadiga possa achar descanso!

*

Sùbitamente,
A Lua,
Divinamente
Resplandecente,
Das núvens sai e, castamente nua,
Enchendo de mistério
Bosques frementes, rios cantantes, penhascos hirtos,
Mostra-me, perto, os mausoléus e os mirtos
Dum cemitério...



V

Belkiss

RAINHA DE SABÁ, DE AXUM E DO HIMIAR

BIBLIOGRAFIA

Do poema em prosa *Belkiss* existem duas edições, ambas esgotadas há muito, e ambas publicadas pelo editor conimbricense Francisco França Amado, a primeira em 1894, a segunda em 1910.

Traduções:

Belkiss, REGINA DE SABA, D'AXUM E DELL'HYMIAR, traduzione dal portoghese di Vittorio Pica. Milano, Fratelli Treves, editori. 1896.

Belkiss, REINA DE SABA, DE AXUM Y DE HYMIAR, traducción del portugués por Luis Berisso. Discurso preliminar por Leopoldo Lugones. Primeira edição: Buenos Aires, Jorge A. Hern, editor, 1897; segunda edição: Buenos Aires, Félix Lajouane, editor, 1899; terceira edição: BIBLIOTECA DE AUTORES CELEBRES, Editorial America, Madrid, 1919.

A tradução castelhana de D. Luis Berisso está também publicada no volume: Eugenio de Castro, *Poemas escogidos*, con un estudio de Ruben Dario sobre Eugenio de Castro y la literatura portuguesa. Lectura Selecta, Mexico, 1919.

Belkiss, KRÁLOVNA SABSKÁ, AXUMSKÁ A HYMIARSKÁ. Z portugalstiny preložil Arnost Procházka. Primeira edição: Praha, Moderní Revue, 1900; segunda edição: Praha, Kamilla Neumannová, editor, 1916.

2. Et ingressa Jerusalem multo cum comitatu & divitiis, camelis portantibus aromata, & aurum infinitum nimis, & gemmas pretiosas, venit ad regem Salomonem, & locuta est ei universa quæ habebat in corde suo.

.....

13. Rex autem Salomon dedit reginæ Saba omnia quæ voluit & petivit ab eo; exceptis his, quæ ultro obtulerat ei munere regio. Quæ reversa est, & abiit in terram suam cum servis suis.

LIBER REGVM TERTIVS,
Caput X.

DRAMATIS PERSONÆ

SALOMÃO, rei de Israel.

DAVID, filho de Salomão e de Belkiss.

ZOPHESAMIN, velho sábio, mentor de Belkiss.

HORSIATF, mordomo-mór de Belkiss.

HADAD, rei de Edom.

NASTOSENEN, comandante de uma frota.

ZABUD, privado de Salomão.

AHIZAR, mordomo-mór de Salomão.

AMENEMOPIT, astrólogo egípcio, ao serviço de Belkiss.

UM SACERDOTE DE AMON.

UM ESTRANGEIRO.

UM ENVENENADO.

UM CAMINHANTE.

UM MENSAGEIRO.

BELKISS, rainha de Sabá, de Axum e do Himiar.

EGLA, prima de Belkiss.

LADIKE, escrava de Belkiss.

HANNAH, escrava de Belkiss.

UMA DOIDA.

A SOMBRA DA RAINHA ISIMKHIB, mãe de Belkiss.

UM PAPAGAIO.

Nobres e ricos de Sabá, jerosolimitanos e escravos.

I
PRELÚDIO



—*Uma sala no palácio real de Axum. Do chão, ladrilhado de basalto verde, sobem grandes colunas de pórfiro, mordidas de inscrições e coroadas por capitéis de bronze, em açucena. Nos intercolúnios, fartas colchas de linho do Egipto, bordadas a sêda. Ao fundo, iluminando o aposento, uma galeria aberta, ornamentada com arbustos aromáticos, dispostos em cestos de ouro. As duas escravas, Hannah e Ladiké, cingidas por túnicas de riscas amarelas e vermelhas, estão sentadas no chão, a fiar.*

HANNAH

A rainha deu-me êste colar de âmbar...

LADIKÉ

É a mim deu-me êste escaravelho de lápis-lazuli...

HANNAH

Vão lá entendê-la! Ora nos dá pancada, ora nos enche de jóias...

LADIKÉ

Ontem, num acesso de cólera, lançou ao rio todos os anéis que tinha nos dedos...

HANNAH

Aquele amor há-de ser a sua morte...

LADIKÉ

E então que doidice de amor! Dizem que Salomão é lindo e sábio como um deus; mas como pode ela amá-lo, se nunca o viu?

HANNAH

Ama-o pelas maravilhosas cousas que dêle tem ouvido. No seu entender, nenhum mortal vale um bago de romã ao pé do filho de Bethsabea...

LADIKÉ

Todos os outros reis lhe parecem néscios e feios...

HANNAH

Pena foi que Amraphel, aquele lindo rei de Sinear, que se matou por via de Belkiss, não lhe aparecesse mais cedo, antes de ela se enamorar de Salomão...

LADIKÉ

O rei Amraphel era tímido e esbelto... Parecia uma princesa vestida de homem...

HANNAH

Ainda me lembro de quando êle chegou a Adulis, onde então estávamos...

LADIKÉ

Vinha anunciado por trinta trombetas de prata... Os aromas dos seus vestidos perfumaram toda a cidade...

HANNAH

Parece que foi ontem... A rainha estava no terraço, à sua espera, e lançou-lhe flores, quando êle passou em baixo...

LADIKÉ

Foi dêsse terraço que êle se precipitou quando a rainha lhe disse que não...

HANNAH

E foi de lá que a rainha desfolhou rosas brancas sobre o cadáver...

LADIKÉ

Ao anoitecer, o cadáver de Amraphel estava coberto de rosas...

HANNAH

E no dia seguinte apareceu todo coberto de borboletas brancas... Ao princípio, julguei que era o vento que levantava as fôlhas das rosas... E, de repente, da boca de Amraphel saíu uma grande borboleta branca, que subiu... subiu... subiu... e entrou pela boca de Belkiss... Dizem que a rainha mandou arrancar o coração de Amraphel...

LADIKÉ

É verdade... Pô-lo a macerar numa infusão aromática, e depois, metendo-o num saquinho de púrpura, fez dêle uma pela para jogar...

HANNAH

E dizem que, há dias, Belkiss deixou cair a pela no mosaico, e que, lá de dentro, o coração soltou um ai, como se o tivessem magoado...

LADIKÉ

Há já três dias que Belkiss não fala em ir ter com Salomão a Jerusalém...

HANNAH

Mas não lhe faltará vontade... Se não fala nisso, é porque receia as reprimendas do velho Zophesamin. Zophesamin odeia os prazeres da carne, diz que a luxúria é a origem de todos os males, e, como estima paternalmente a rainha, quer livrá-la de amarguras conservando-a casta.

LADIKÉ

Zophesamin, querendo torná-la feliz, dar-lhe há a morte. Belkiss não pode sofrer mais as tiranias da continência... Passa os dias e as noites contrariando a natureza, procurando obter, com mortíferos simulacros, as sonhadas delícias que a sua idade requiere e que o destino obstinadamente lhe nega. Em volta dos seus olhos há canteiros de violetas...

HANNAH

Anda doente... Às vezes parece que se despede para o outro mundo... Nos seus olhos há mãos pálidas dizendo adeus com véus brancos...

LADIKÉ

Às vezes, revolve-se tanto no leito, agita por tal forma o corpo, que dir-se-ia que a sua virgindade quer quebrar-

-lhe os ossos e rasgar-lhe as carnes para fugir, como uma águia presa numa gaiola estreita...

A VOZ DE BELKISS

ao longe:

La...di...ké!..... La...di...ké!...

LADIKÉ

levantando-se para sair:

Lá está Belkiss a chamar por mim...

A VOZ DE BELKISS

La...di...ké!..... La...di...ké!...

UM PAPAGAIO

na galeria próxima:

Ladiké! Ladiké!



II

Á ESPERA DA LUA...



—Um alto mirante, no jardim real de Axum. Do teto, assente sôbre colunelos de granito rosado, de Siena, por entre os quais se vê a paisagem, pendem duas grandes caçoilas de cobre esmaltado, onde fumegam resinas aromáticas... Cingida por uma lunática túnica de lã branca, bordada a fio de prata; de pé; os braços caídos; os dedos cheios de rubis; a cabeça inclinada para trás, como se os cabelos, orvalhados de limalha de ouro, lhe pesassem muito: Belkiss segue, melancòlicamente, o vôo das ibis... Ao crepúsculo... Pela abertura da escada, que leva ao jardim, aparece Ladiké.

LADIKÉ

Aqui me tens, rainha...

BELKISS

É quási noite, Ladiké... Corre ao jardim, a levar as minhas ordens: o jardineiro que prepare os repuxos, e as harpistas que partam, imediatamente, para além, para o

horto das macieiras... Apenas rompa o luar, quero que os repuxos cantem e que as harpas gemam... Ouviste?

LADIKÉ

Ouvi, rainha.

BELKISS

Mas repara bem: que as harpistas vão para o horto das macieiras. Não as quero muito próximas de mim... A distância amacia os sons... Dos sons mais ásperos faz penugens de sons, núvens de sons... Que vão para longe, ouviste?

LADIKÉ

saindo:

Ouvi, rainha.

BELKISS

É quási noite... E ainda uma noite sem o meu senhor... ainda uma noite sem beijos... sem carícias...

*Passos de alguém que sobe...
Pela abertura da escada, lívido
como um ressuscitado, assoma o
vulto ossudo e esguio de Zophe-
samin. Zophesamin tem mais
de oitenta anos: as barbas, de
prata, cobrem-lhe o peito. Na
cabeça trás uma mitra, donde
pendem, tapando-lhe as orelhas
e descendo-lhe até aos sovacos,
duas tiras de estôfo duro e re-
tezado; sob o amiculum de lã
branca, veste um clasiris de lã
azul; à cintura, um saquitel cheio*

*de omoplatas de cinocéfalo e de
cordeiro, cobertas de inscrições.*

ZOPHESAMIN

Os teus olhos, Belkiss, estão claros como o céu depois
duma grande chuva. ¿Porque estiveste a chorar?

BELKISS

Porque estou longe do meu senhor...

ZOPHESAMIN

¿Amon-Ra-Harmakhis o conserve sempre bem distante!

BELKISS

Não digas isso, amigo... Quero ser de Salomão...

ZOPHESAMIN

¿Antes os tigres te comessem! ¿Antes ficasses sem
sepultura sôbre um monte de estêrco!

BELKISS

começando a chorar:

Todos me querem mal... Até tu me maltratas...

ZOPHESAMIN

Sossega... tonta... amiguinha... Põe os olhos nes-
tes olhos fundos como cisternas...

BELKISS

pregando os olhos nos de Zophesamin:

Estou a vê-los...

ZOPHESAMIN

*chamando-a e puxando-lhe,
brandamente, os braços:*

Aproxima-te mais... mais... como se quisesses beijar-me... Assim... assim... Olha bem para o fundo dos meus olhos, das minhas cisternas...

BELKISS

Parecem cheios de água... Ah!... e como são fundos... e como a água é clara!

ZOPHESAMIN

São fundos, são... E diz cá, Belkiss, no fundo, muito no fundo, não vês nada?

BELKISS

Não... não... não vejo nada... Ah!... vejo... vejo... qualquer coisa, mas não sei bem o que seja... Espera... não te mexas, quero ver o que é... Parece uma luzinha... uma luz de ouro... Ah!... que lindo!... Uma luz a arder dentro de água... E não aquece a água... a água parece fresca... Não te mexas... deixa-me ver mais um bocadinho... Ah!...

ZOPHESAMIN

sentando-se:

Esta luz, Belkiss, é toda a minha riqueza.

BELKISS

¿E quem ta deu?

ZOPHESAMIN

Comprei-a.

BELKISS

¡Quero uma igual, amiguinho, quero uma igual!

ZOPHESAMIN

Não poderás ter uma igual... São muito caras...

BELKISS

¡Mas... se eu sou tão rica! se até os meus condenados estão presos por correntes de ouro...

ZOPHESAMIN

São muito caras, amiguinha; todas as tuas riquezas seriam poucas para uma compra semelhante...

BELKISS

¿Quanto deste pela tua?

ZOPHESAMIN

Muito.

BELKISS

¿Muito ouro, muitas pedras finas?

ZOPHESAMIN

Não... Toda a minha alegria...

BELKISS

Ah!

ZOPHESAMIN

A luzinha, que viste no fundo dos meus olhos, tem um nome, chama-se Verdade. Ficam próximos de Deus todos os que a possuem, mas essa semi-divindade raras a logram, porque a luzinha é deveras biqueira, regeita todas as comidas vulgares. Quem a quiser clara, como o sol, tem de a sustentar com desgostos e martírios... Já fui novo, como tu, Belkiss, novo e belo; tive no meu peito um jardim de sonhos, sonhos de amor, de glória, de opulência... Mas, ai de mim! ai de nós! mal um sonho se fazia realidade, por mais dourado que fôsse, logo se desdourava... A pouco e pouco, o meu lindo jardim foi-se tornando num jardim de palácio amaldiçoado, jardim de um palácio onde se cometeu um grande crime... A inocência fugiu-me da alma e prendeu-se-me nas barbas: aos trinta anos tinha os cabelos de neve... Um dia, fechei os olhos, para ver melhor, e, cá no fundo da minha alma, avistei então a luzinha, que apontava como uma estrêla... Estrêla, que só servirá para os outros, para afastar os outros dos perigos em que vão cair. Para mim, dura serventia tem, pois me deixa ver às claras o que sempre devera existir às escuras... a minha pobre alma...

BELKISS

enternecida:

Meu velhinho!

ZOPHESAMIN

abrindo o saquitel e mostrando as omoplatas:

¿Vês estes ossos? Quem seguir o que nêles se aconselha, deminuirá as suas dores, que o querer suprimi-las de todo é querer agarrar a lua ou tolher o mar... São

os dictames da minha experiência: assim êles entrassem nos teus ouvidos e a tua alma não fôsse surda.

BELKISS

¿Que queres dizer?

ZOPHESAMIN

Quero dizer, que és mais desgraçada que as escravas que andam pelos caminhos, apanhando os excrementos dos camelos...

BELKISS

Zophesamin!

ZOPHESAMIN

Mais te valera ser úlcera de pobre, mais te valera ser piolho ou sapo, mais te valera ser a pedra que os britadores estão britando, que ser o que és, ¡pobrezinha no meio de tantas riquezas!... Tens a alma cheia de víboras...

BELKISS

De víboras?

ZOPHESAMIN

Sim, de víboras, de desejos, que te hão-de causar mais dores que vinte cancos abertos nesses peitos...

BELKISS

lastimosa:

¡Até as feias são beijadas e enleadas com amor! e eu, eu que sou linda — como a água do meu banho me tem mostrado, vivo aqui, ¡pobre flor estéril! gelada pelas tuas palavras, petrificada pelos teus conselhos, amordaçando os meus desejos e amamentando o meu tormento, ¡que me morde como um escorpião! ¿Para que nasci eu com uma tão linda boca?

ZOPHESAMIN

Para que a conserves pura, se a quiseses conservar linda...

BELKISS

Piedade! Piedade! Zophesamin! ¡Não me digas isso!
¡Cala-te, por piedade! cala-te! ¡não te quero ouvir!

ZOPHESAMIN

Hás-de ouvir-me, enquanto não mandares que me cortem a língua. ¡Ingénua cabecinha, a tua!

BELKISS

¡Tem dó de mim!... Ah! ¡mas eu não posso estrangular êste grande amor, como tu queres! Vê como ando: quási que não como, e as insónias contam-se pelas noites... Nunca vi Salomão, mas amo-o com um amor que me dará a morte, se eu não lhe der vida... ¿Onde encontrarei um príncipe que melhor me mereça? Ah!... e como deve ser bom vê-lo ajoelhado a meus pés, ¡êle que tem o mundo inteiro ajoelhado em tórno de si!

ZOPHESAMIN

¡Que idea fazes de Salomão! Salomão ama as mulheres, como tu amas as pedras preciosas: gosta de ter muitas. Não se contentou com a linda Vaphres, sua esposa legítima, e mandou fazer um harém onde possui trezentas concubinas... Se fôsses ter com êle, talvez te beijasse, talvez... mas, no dia seguinte, toda te vestirias de humilhação, porque, se lhe perguntassem o teu nome, não saberia dizê-lo, tão pouco caso teria feito de ti...

BELKISS

¡Embora, quero ser dêle! ¡Amo-o com um amor de fogo!

ZOPHESAMIN

É êsse o teu mal. O amor é como a carne que comemos: apodrece com o calor e conserva-se por longo tempo no gelo. O amor deve ser frio, para ser duradouro.

BELKISS

¡Mas que queres tu que eu faça? ¡Como posso eu ser senhora de quem sou escrava? Ah! ¡tu não comprehendes o meu martírio! No meio dos meus frenesis nocturnos, ergo-me, quási nua, os olhos em labaredas, os seios arquejantes, como cisnes moribundos, e subo àquele alto terraço, onde os noctívagos de Axum me vêem errar, de cabelos soltos e braços em súplica, como um fantasma... Ainda ontem, Zophesamin, num acesso de amargura, ter-me-ia precipitado lá do alto, se um sentimento de altivo pudor não me fizesse passar por diante dos olhos a imagem dêste corpo inviolado, estendido em baixo sôbre as lajes, reduzido a uma massa informe, ensangüentada e repugnante, e profanado pelos olhares dos meus vassalos... Mal me deito, tentando afogar no sono esta obsessão devoradora, sinto-me rodeada de visões, que me prostram em quebrados delíquios, perco a vista, e julgo que a minha cabeça vai a rolar por um abismo cheio de ravinas e de quedas de água, e que vou pelo ar, caída de uma torre altíssima... Ora me sinto sôbre uma fornalha, ora começo a tremer com frio... Como se estivesse embriagada, o meu leito move-se numa rotação desapiedada, que me dá esvaímentos dolorosos e calafrios de agonizante, e me aperta, estranguladoramente, o pes-

coço... Ah! ; eu não posso mais! Quero beijos! ; Quero os beijos de Salomão!

ZOPHESAMIN

Sossega, Belkiss, não te digo que engeites êsse amor, mas acho que deves purificá-lo... Guarda-o bem guardado, como uma jóia de grande valor no fundo de uma arca; torna-o discreto, espiritual e vago, como essas luas que nascem pouco depois do meio-dia, nos dias de sol.

BELKISS

; Quero os beijos de Salomão!

ZOPHESAMIN

Ouve, Belkiss... ; Julgas que os beijos de Salomão são mais doces que o mel, não é verdade?

BELKISS

É verdade.

ZOPHESAMIN

; E sentes um vivo prazer quando antevês a possibilidade de os receber, não é certo?

BELKISS

É certo, Zophesamin, um prazer doido...

ZOPHESAMIN

Pois bem, continua a sonhar essa delícia, mas não a queiras colher. A realidade é mais amarga que o heléboro. É doce o desejo... mas realizar um desejo é matar êsse desejo... A posse deprecia os objectos ama-

dos. Só são felizes aqueles que constantemente criam desejos irrealizáveis, cegamente persuadidos de que hão-de realizá-los... Põe os olhos em ti: mal vês uma jóia, enamoras-te dela e não descansas enquanto não a possues; mas, assim que a adquires, morre todo o encanto, enfastias-te dela. ¿Quantos anéis, quantos colares, quantos braceletes não terás tu, que, depois de ardentemente ambicionados, não te enfeitaram mais que uma vez? ¿Não é assim, Belkiss?

BELKISS

É assim, é...

ZOPHESAMIN

Dantes, quando ouvias falar no palácio e nos jardins reais de Adulis, supunhas que nada existia no mundo que lhes fôsse comparável. Cheia de curiosidade, partiste para lá, como quem parte para um distante mundo encantado. No primeiro dia, andaste deslumbrada, como num sonho; mas no dia seguinte... lembras-te?

BELKISS

Bem me lembro... Enfastiei-me e voltei para Axum...

ZOPHESAMIN

Assim te enfastiarias dos beijos de Salomão, se êle te desse. Sonha... sonha... e não despertes... Não há acordar tão amargo como o que apaga um sonho doce; e, para quem sonha, o barulho dos beijos é mais estrepitoso que o das catapultas. Um beijo é uma bâtega de água, despertando um pastor, que estivesse a sonhar ao relento, a sonhar que dormia como uma princesa...

BELKISS

Terás razão, terás, Zophesamin, mas mais forte que a tua razão é o meu amor...

ZOPHESAMIN

¡Um amor forte! ¡que ingenuidade a tua! Acharia menos estranho ver sete luas no céu e ouvir rochedos a cantar...

BELKISS

Exageras, Zophesamin; ¿Não vês como Egla e Horsiatf bebem os ares um pelo outro, e há tanto tempo?

Vozes e passos, em baixo, no jardim.

ZOPHESAMIN

¿Que vozes são aquelas?

BELKISS

debruçando-se, a escutar, sobre a balaüstrada do mirante:

São as vozes de Egla e Horsiatf... Ouves?... Anda cá, Zophesamin, mas muito devagarinho, para que êles não dêem connosco... Vem ouvir o que êles dizem, e depois me dirás se tens razão.

De fora, chegam pombas, cujo bater de asas é como um sacudir de sêdas brancas. Debruçados, Belkiss e Zophesamin escutam em silêncio.

A VOZ DE EGLA

Vou partir, Horsiatsf, partirei amanhã...

A VOZ DE HORSIATF

¿Mas porque não ficas?

A VOZ DE EGLA

Só tu me prendias aqui com o teu amor... Esse amor morreu... ¿Para que hei-de eu ficar?

A VOZ DE HORSIATF

Tens razão, tens... Se ficasses, teríamos de fingir, e os bons nunca fingem. Os nossos corações são dois namorados paralíticos, sentados um defronte do outro: querem beijar-se e não podem... É necessário afastá-los para lhes minorar o sofrer... Bem lhes basta a paralisia...

A VOZ DE EGLA

O amor, que julgávamos eterno, é hoje um amor de doentes, um amor de outono, um amor moribundo... E o pior é que ambos reconhecemos isto... Sofremos como se estivéssemos assistindo à agonia de uma filha.

A VOZ DE HORSIATF

Parece que estão a cair fôlhas sêcas no meu coração...

A VOZ DE EGLA

E os nossos beijos são sombras de beijos, fantasmas de beijos... ¿Onde estarei eu amanhã, a estas horas? Muito longe...

A VOZ DE HORSIATF

Tudo acabado!... Tens razão, tens, debes partir...
O nosso amor já não merece sacrifícios: é como aqueles
velhinhos quási idiotas, com quem ninguém se importa.

A VOZ DE EGLA

¡Como os nossos beijos perderam o sabor que tinham!
Os nossos beijos de agora são sombras de beijos...

A VOZ DE HORSIATF

É verdade... Beijo-te as mãos... e é como se beijasse as minhas mãos...

A VOZ DE EGLA

¡E como somos leais! Não fingimos, sentimos a agonia do nosso amor, e, em vez de lhe fugirmos, temos a coragem de assistir a ela, como se estivéssemos à cabeceira de uma irmã moribunda, de uma irmã muito amada...

A VOZ DE HORSIATF

Está fria, a noite...

A VOZ DE EGLA

Até ao sol teríamos frio... Adeus, Horsiatf...

A VOZ DE HORSIATF

Adeus, Egla...

*Os passos de Egla e de
Horsiatf apagam-se a pouco e
pouco, na sombra... Belkiss e
Zophesamin voltam para o in-
terior do mirante.*

ZOPHESAMIN

Ouviste, Belkiss?

BELKISS

Parece-me que estive sonhando .

O horizonte começa a pratear-se... As cinzas do crepúsculo afligem e suspendem a respiração da paisagem... Num bosque de tamarindeiros, acende-se um palácio de prata, para a boda, talvez, de dois príncipes encantados. O palácio está todo iluminado, mas, súbito! começa a arder, e as labaredas iluminam o céu... E o palácio arde e vai a subir: é a lua, que aparece finalmente... As harpas distantes respondem aos repuxos... os repuxos, numa voz sem esperança, como que chamam por uma princesa perdida... e as harpas andam a procurá-la e gemem porque a não encontram... Os pavões fazem grande alarido em tórno dos lagos, que parecem cobertos por grandes teias de aranha, orvalhadas...

III

AMON-RA-HARMAKHIS



— *A praça dos Obeliscos, em Axum. Ao fundo, o palácio real, todo de alabastro azul, com as suas majestosas escadarias flanqueadas de esfinges, e os seus terraços e cúpulas perdendo-se nas nuvens. No meio da praça, um brilhante grupo de Nobres e Ricos, mitrados e vestidos de púrpura.*

UM ESTRANGEIRO

QUE faz aqui toda esta gente?

UM ESCRAVO

Está à espera do sacerdote de Amon.

O ESTRANGEIRO

Para quê?

O ESCRAVO

Para pedir a Amon que prepare o regresso da frota perdida...

O ESTRANGEIRO

Qual frota?

O ESCRAVO

A frota que o velho rei, pai de Belkiss, mandou à cata de riquezas, de preciosidades... ¡Já lá vão quatro anos!

Seguindo o exemplo dos príncipes da Arábia e da Síria, o rei mandou fazer um grande estaleiro no cais de Sabá, donde a frota partiu num lindo e claro dia, dia epagómeno, por sinal... Nastosenen era o comandante.

O ESTRANGEIRO

¿E nunca mais tiveram notícias da frota?

O ESCRAVO

Nunca mais... O rei morreu de desgosto...

O ESTRANGEIRO

Noto, porém, que aquele grupo é exclusivamente formado pelos mimosos, pelos favorecidos do destino: todos estão vestidos de púrpura e carregados de jóias... Pelo que vejo, o povo — os operários e os pobres — ou não se importa com o regresso da frota ou não acredita no poder salvador de Amon...

O ESCRAVO

Todos desejam o regresso da frota. Se aqui não vês os humildes, é porque Amon é o deus dos felizes, dos nobres e dos opulentos; porém, se fores aos bairros pobres, ouvirás, a cada passo, veementes súplicas dirigidas aos deuses populares, ao escaravelho de Phtah, à íbis e ao cinocéfalo de Thot, ao falcão de Hor, ao chacal de Anubis e ao crocodilo de Sowku. Ontem, à noite, os fenícios, que vivem além, ao pé daquele bosque de acácias, queimaram vinte crianças diante da estátua do Baalim; as mães assistiram ao suplício dos filhos e gemiam, como doidas, ao som das flautas litúrgicas...

O ESTRANGEIRO

sinalando Zophesamin, que se dirige para o grupo:

¿ Quem é este velho ?

O ESCRAVO

É Zophesamin, o contemplador dos céus... Era o grande amigo do rei, e agora é o mentor de Belkiss. Belkiss não dá um suspiro sem lhe pedir licença.

Vestido de linho, o sacerdote de Amon desce as escadas do palácio real e caminha para o grupo, que o rodeia num respeitoso silêncio.

O SACERDOTE

levantando os braços para o céu, em súplica:

Amon-Ra-Harmakhis, Deus triplo e uno, imenso, eterno, independente, forte e poderoso: clemência!

Amon-Ra-Harmakhis, ¡ que o Uræus aniquile todos os inimigos, e que a serpente Minhi se conserve pacífica! Clemência!

Amon-Ra-Harmakhis, Senhor dos dois horizontes, Criador de ti mesmo: clemência!

Amon-Ra-Harmakhis, grande Leão, Vivificador dos Seres Inteligentes, Touro nocturno, Timoneiro da barca Soktit: clemência!

Amon-Ra-Harmakhis, Rei do céu, Soberano da terra, Totumen, Gavião santo, Fénix de asas prismáticas: clemência!

¡ Ra é forte!

O GRUPO, EM CÔRO

¡Enfraquecido seja o ímpio!

O SACERDOTE

¡Ra é vivo!

O CÔRO

¡Morto seja o ímpio!

O SACERDOTE

¡Ra é grande!

O CÔRO

¡Pequeno é o ímpio!

O SACERDOTE

¡Ra está satisfeito!

O CÔRO

¡Esfomeado esteja o ímpio!

O SACERDOTE

¡Ra é luminoso!

O CÔRO

¡Anuviado esteja o ímpio!

O SACERDOTE

¡Ra é poderoso!

O CÔRO

¡Débil seja o ímpio!

O SACERDOTE

Ra existe!

O CÔRO

¡Apôp seja aniquilado!

O SACERDOTE

Amon-Ra-Harmakhis, ¡conserva a vida a Nastosenen e aos seus marinheiros! ¡Dá-lhes pão para es seus ventres, água para as suas gargantas, perfumes para os seus cabelos! ¡Por tua mãe, ó Ra! navega com êles! ¡Exultem todos os que estão na tua barca! ¡Confundidos sejam os ímpios!

O CÔRO

¡Apôp seja aniquilado!

O sacerdote volta para o palácio. Os Nobres e os Ricos partem em diferentes direcções, por entre os obeliscos.



IV
HADAD



—Uma sala no palácio de Axum. Reclinada num pequeno leito de ouro, cravejado de carbúnculos, Belkiss olha, cheia de espanto, para Hadad, que a fita deslumbradamente. Da túnica de Belkiss, levemente agitada pelo ritmo dos seus seios timoratos, exala-se um quebrado perfume de óleo de nardo. Sobre o mosaico do chão, andam pombas de asas almiscaradas.

QUEM és tu?

BELKISS

HADAD

Sou Hadad, filho do rei de Edom, morto por David no Vale do Sal.

BELKISS

¿Onde fica Edom?

HADAD

Nas faldas do monte Séir, ao sul dos moabitas e ao norte do Mar Vermelho.

BELKISS

¿E ainda não recobraste a realeza perdida por teu Pai?

HADAD

Ainda não... Destroçados os exércitos edomitas, refugiei-me na côrte do Psiukhanu II, onde tenho vivido vida pacífica, caçando hipopótamos e antílopes de cornos em lira, e passeando nos jardins de Tanis com as filhas do Pharaó... Vaphres, a mais velha, casou, há pouco, com o rei de Israel... Se alguma cousa me tortura, é a lembrança de que, em breve, para vingar a morte de meu Pai e para rehaver a minha coroa, serei forçado a tornar viúva essa linda e querida amiga, tão digna de melhor sorte...

BELKISS

¿ És então inimigo de Salomão?

HADAD

O mais terrível dos seus inimigos... Admiras-te? ¿ Pois não é justo que eu tenha um ódio de morte ao filho de quem me fez sofrer todas as amarguras da orfandade e do exílio, àquele que hoje usufrui, regaladamente, o vinho dos meus vinhedos, o mel das minhas colmeias e o luxo dos meus palácios?

BELKISS

¿ Vais então guerreá-lo?

HADAD

E vencê-lo.

BELKISS

¿ Mas se vais guerrear Salomão, cujo reino fica para o norte, que vens fazer aqui, ao sul?

HADAD

Venho buscar aquela que me há-de fazer a vida tão doce como se ela me aparecesse através de uma safira pálida...

BELKISS

¿Quem é então a futura rainha dos edomitas?

HADAD

Aquela que hoje é rainha de Sabá, de Axum e do Himiar.

BELKISS

surpreendida:

Eu?

HADAD

Sim! tu, Belkiss... ¿Pois não te mereço? ¡Sou moço e forte! Vê, repara bem para mim: os meus beijos derpertariam estátuas e amansariam leões...

BELKISS

baixando os olhos com simplicidade e pousando as mãos translúcidas no seio:

Esta vinha tem um senhor, apenas... Só êle colherá e comerá estas uvas...

HADAD

¿E quem é êsse senhor?

BELKISS

Salomão, rei dos israelitas...

HADAD

Salomão?... ¡Que a tua bôca se encha de pústulas malignas sempre que pronunciar êsse nome maldito!

BELKISS

Sempre que pronuncio o nome de Salomão, parece-me que se derrete uma pastilha aromática na minha língua, e que estou a comer fôlhas de rosas...

HADAD

¡Tu, tão linda e tão pura, escrava de Salomão! ¡Cora da tua miséria, Belkiss! ¡Antes as chamuscas te lambam que te apertem os seus braços!

BELKISS

És seu inimigo, não admira que assim fales... Salomão é forte, justo e carinhoso...

HADAD

desdenhoso:

Tão forte, que, para subjugar Guezer, teve de pedir auxílio aos egípcios; tão justo, que usurpou os direitos de seu irmão Adonijah, e tão carinhoso, que deixa morrer de tédio, esquecida e solitária, a rainha Vaphres...

BELKISS

sem velar o seu azedume:

¡Mas onde encontrarás um sábio como êle? Dizem que excede Ethan Ezrahita, Heman, Calcol e Horda...

HADAD

¿ Como pode ser respeitada a sua sabedoria, se êle quere uma lei para si e outra para os mais? Como há-de a gente respeitar a sabedoria de um homem que possui um harém com trezentas concubinas depois de ter escrito: *não te deixes ir atrás dos artificios da mulher, porque os lábios da prostituta são como o favo que destila o mel, e a sua garganta é mais lustrosa que o azeite, mas o seu fim é amargoso como o absinto e talhante como a espada de dois gumes...*

BELKISS

Embora! ¡Quero ser de Salomão! Ninguém me ensinou a amá-lo, ninguém me ensinará a esquecê-lo...

HADAD

Belkiss!... Encher-te hei de jóias, se quiseres ser minha...

BELKISS

Guarda as tuas jóias...

HADAD

Ungir-te hei com perfumes...

BELKISS

Dispenso os teus perfumes...

HADAD

Não darás um passo que não pises flores..

BELKISS

Não desflores os teus jardins...

HADAD

Terás um palácio de ouro...

BELKISS

São de ouro as cadeias dos meus prisioneiros e as grades dos meus cárceres...

HADAD

¿Engeitas o meu coração, não é assim, Belkiss?

BELKISS

Assim é, Hadad...

HADAD

caminhando para a porta:

Engeitas o meu, e queres o de Salomão... Tê-lo hás!... Hei-de trazer-to, em breve, todo de púrpura, numa patena de prata...

Exit.

V
INTERLVNIO



— *De noite. A alcova da rainha no palácio de Axum. Oleito de Belkiss está escondido sob um simulacro de tenda, formado de tecidos preciosos, cujos ouros brilham à luz de uma distante lâmpada de argila. De quando em quando, pela janela aberta, entram baforadas de vento morno. que despertam as brasas dos perfumadores.*

BELKISS

despindo-se para entrar no leito:

MORREREI virgem!... O meu corpo será uma roseira numa cisterna... Zophesamin tem razão, e Hadad não mentiu... ¡Possuída por Salomão, coitadinha de mim! seria um colar de rubins ao pescoço de uma velha escrava... Não faria caso de uma taça de licor finíssimo quem se embebeda todos os dias com vinho ordinário... Ficaria na memória de Salomão como um diamante caído num monte de seixos... Florirei para regalo dos meus olhos... Desejada, pisarei os desejos que suscito... Só eu sei abrir com cinco chaves de ouro o cofre onde tenho as minhas jóias mais amadas... e as mais amadas só as ponho quando estou sózinha, porque só eu as me-reço... A minha túnica será um cofre mais forte que um

baluarte. Fechá-la hei com cinco alfinetes de ouro, seguros como cinco chaves... A minha pureza será mais alta e mais dura que os obeliscos... Se os meus olhos queimarem, é porque a neve queima... ¡Viverei a amar-me! guardando o que todos apetezem, escondendo o que todos querem ver! Zophesamin deu-me fôlhas de cniza, que chamam a castidade... Esfreguei-me com elas e fiquei sossegada... Os meus desejos morreram de frio, como leõezinhos na neve...

Reclinando-se e espreguiçando-se:

¡Ah!... mas como eu me sinto esvaída!... Sob as minhas pálpebras de chumbo, os meus olhos são duas meninas doentes acarretando fardos pesadíssimos... Parece-me que estive para morrer, que me bateram e que me pregaram um susto... Sinto-me débil, como se acabasse de ressuscitar... A noite é límpida, cheia de estrêlas, e no emtanto dir-se-ia que vai haver trovoadas... Não sei o que me falta... Não estou bem aqui... Estas paredes não são minhas amigas... Quero desejar alguma coisa e não sei o que hei-de desejar... ¡E a noite é tão comprida!... Como eu ficaria contente, se agora pegasse o fogo no palácio... A noite não seria tão comprida... Se o fogo pegasse agora no palácio, os repuxos do jardim transformar-se-iam em repuxos de sangue... ¡E as feras, dentro das jaulas, que alarido não fariam!... E que lindo seria o incêndio visto por uma esmeralda... ¡E os lagos cheios de sangue!... ¡Como a noite correria depressa!... Correria a voar... A noite seria tão clara, que ninguém daria pelo nascer do sol... Que tristeza! a dêste palácio... Não posso aqui viver... Amanhã, ao romper do dia, partirei para Sabá...

Adormece.

VI
PARA O MISTÉRIO...



—No palácio real de Sabá,
ao anoitecer. Belkiss está me-
lancòlicamente sentada a uma
janela: em frente, o mar Ver-
melho, e, à esquerda, os jardins
reais escurecidos pela sombra
de uma grande e misteriosa
floresta. Ao lado de Belkiss
aparece, fantasmaticamente, o
velho Zophesamin.

ZOPHESAMIN

NUNCA os teus olhos me pareceram tão magoados,
Belkiss...

BELKISS

Estou muito fatigada... Estive horas e horas a olhar
para o mar e nada me fatiga tanto... Esqueço-me a
pensar... o meu espírito anda... anda... anda... e,
quando desperto, sinto-me sempre tão abatida, que acabo
por cuidar que realmente fui onde o meu espírito foi...

ZOPHESAMIN

Nunca os teus olhos me pareceram tão magoados...

BELKISS

Ah! ; Que lindo que hoje estava o mar! E então,
quando o sol poente o incendiou, parecia que vinham à

supuração todo o ouro e todas as pedrarias dos naufrágios... ¡Muito ouro e muitas pedrarias deve haver no fundo do mar!...

ZOPHESAMIN

Talvez estejam no fundo do mar todas as preciosidades colhidas por Nastosenen... Pobre frota!

BELKISS

Nunca mais voltará...

Um grande e frio silêncio.

ZOPHESAMIN

Aqui, a tua vida há-de correr mais alegre e macia... O palácio de Axum era muito triste...

BELKISS

Dentro daquele palácio sentia-me com duzentos anos...

ZOPHESAMIN

Aqui, tudo é mais alegre... há muito sol... Depois... terás constantemente diante dos olhos o espectáculo, sempre novo, do mar... Neste pôrto entram muitos navios... O cais está sempre cheio de gente, gente de todas as partes do mundo.

Apontando a floresta:

Só o que é triste em Sabá é aquela floresta...

BELKISS

Hei-de lá ir esta noite...

ZOPHESAMIN

Não faças tal, Belkiss... A floresta até de dia mete medo...

BELKISS

Hei-de lá ir esta noite...

ZOPHESAMIN

Não faças tal... Há lá sítios onde o sol nunca entrou... E os lagos!... Não imaginas, Belkiss, como são aquelas águas... Fazem medo aquelas águas doentes... São esverdeadas, límpidas e não se lhes vê o fundo... Foi lá que morreu o teu irmão... Caíu a um lago e nunca mais apareceu... Tua mãe julgava vê-lo no fundo, preso nas raízes, mas ninguém mais o via... Teu pai mandou vir do Egipto três mergulhadores, e todos lá ficaram... Não vás à floresta, Belkiss, não vás à floresta...

BELKISS

Hei-de lá ir esta noite... e hei-de ir sòzinha...

ZOPHESAMIN

Sòzinha?... E as feras?

BELKISS

Há feras na floresta?

ZOPHESAMIN

Muitas e das mais temíveis... Pelo que ouvi, crescem lá umas árvores carregadas de serpentes, as víboras são aos milhares, e dizem que, pelas sombras, andam ranchos

de catoblepas, que matam com o olhar, e de mantichoras, animais medonhos e ferozes, que têm três fios de dentes, rosto de homem, olhos glaucos, corpo de leão e cauda aguçada como a dos escorpiões...

BELKISS

Embora... Hei-de lá ir e hei-de ir sòzinha...

ZOPHESAMIN

Não deves lá ir... mas emfim... se lá fores... não vás sòzinha...

BELKISS

Quero ir sòzinha...

ZOPHESAMIN

Mas... dize-me... ¿ como te veio essa idea? ¿ que fôrça te impele para a floresta donde todos fogem?

BELKISS

O terror... o mistério... Aqui, em Axum e em Adu-lis, nestes palácios todos de pedra, enfado-me como um marinheiro que deixasse o mar e se fizesse tecelão... Correm-me os dias sempre monótonos, sempre sem surpresas, sempre iguais... Sou como um preso a ver sempre a mesma paisagem. Tenho os mesmos pensamentos às mesmas horas... Aquele obelisco é o relógio da minha alma... Pela sua sombra, sei quando se aproximam as grandes melancolias... Tudo o que me rodeia é baço, mudo, sem significação: aconteceu-lhe o que acontece aos anéis, que perdem o valor com o uso, e às palavras que, por muito repetidas, ficam transformadas em esqueletos de ideas... Não posso mais, Zophesamin... Estou cercada de cousas mortas e tão mortas que chego

a duvidar se realmente vivo... Estou com sêde de cousas misteriosas, de cousas novas e estranhas, que me despertem, que me agitem, que me sacudam... Quero ir à floresta... e quero ir sòzinha...

ZOPHESAMIN

Não debes ir sòzinha, Belkiss...

BELKISS

lastimosa:

Não fazes senão contrariar os meus desejos... É assim que pagas a minha obediência... Por tua causa deixei de amar Salomão...

ZOPHESAMIN

Creio bem que te enganas...

BELKISS

Não me engano, não... Depois do que me disseste de Salomão, quis seguir os teus conselhos... Pedi a uma feiticeira que me livrasse daquele amor, comprei-lhe êste saquinho de pele de carneiro, que tem dentro uma rubeta morta, pu-lo ao peito, e desde então, Zophesamin, o meu coração é mais frio e silencioso que os túmulos reais... Esfreguei-me com as fôlhas de cniza, que me deste, e fiquei viúva de desejos... viúva e virgem, gelada e resignada...

ZOPHESAMIN

olhando-a demoradamente:

Os teus olhos estão mais claros, mais luminosos... A castidade embeleza os olhos, Belkiss... Sê casta e serás linda até à morte...

BELKISS

¿Não haverá luar esta noite?

ZOPHESAMIN

Só muito tarde...

BELKISS

Embora... Vou à floresta... Não me digas que não, Zophesamin, nem mandes que me sigam...

ZOPHESAMIN

*tirando do saquitel, que traz
à cinta, um ramo sêco:*

Faça-se a tua vontade... Mas, ao menos, leva êste ramo de terionarca... A terionarca, basta agitá-la no ar, adormece todas as feras...

BELKISS

erguendo-se para sair:

Fica descansado...

ZOPHESAMIN

Tem cuidado com os lagos...

BELKISS

Fica descansado...

Exit.

VII
PER UMBRAM...





—*Noite escuríssima. Belkiss
está à entrada da floresta, num
grande rochedo talhado a pique
sôbre o mar Vermelho.*

BELKISS

Estou toda vestida de medo! Tremo como uma criança perdida num pinhal... Eis-me finalmente sôzinha, à entrada da sombria floresta que todos dizem cheia de clamores nunca escutados e de alucinações nunca sentidas... Eu, que definhava de tédio, constantemente chicoteada pela ânsia do irreal e do misterioso, sofrendo constantemente os martírios de uma vida estagnada, imóvel, sem surpresas; eu, que cheguei a conhecer as horas pela minha sombra, que, às mesmas horas, se alongava nos mesmos sítios, — ; eis-me finalmente às portas do imprevisto, em face de um mundo novo, que me amedronta com um pavor tão intenso que chega a ser voluptuoso!... Receando as feras e os abismos, o meu pobre corpo treme como um arbusto frágil numa noite de temporal desfeito; mas o meu espírito, cansado de voar sob o mesmo céu e sequioso de inauditismos, de absurdos, de anormalidades, impele-me obstinadamente para a floresta, dando-me a coragem de um guerreiro e a serenidade de um ídolo de pedra...

*Toda de branco, um ramo
sêco de terionarca entre os de-
dos, Belkiss caminha spectral-*

*mente para a floresta, donde sai,
a correr, um homem envene-
nado por uma infusão de ofiusa,
planta lívida, de tal encanto,
que se refugiam no suicídio to-
dos os que a provaram, julgan-
do-se perseguidos por milhões
de enormes serpentes.*

O ENVENENADO

*avistando Belkiss e fugindo
das serpentes que só êle vê:*

¡Não vás para lá, não vás para lá! Foge! Foge!...
Elas aí vêm!... Foge!

*Desesperadamente precipita-
-se do alto rochedo... Instantes
depois ouve-se o baque trágico
do corpo nas águas do mar...
Atemorizada, Belkiss entra na
floresta.*

BELKISS

Não vejo nada... Parece-me que estou no fundo do
mar e que ouço, lá em cima, o marulho das ondas: é o
vento nos ramos altos... Parece-me ouvir uma voz a
distância... Não vejo nada, já não vejo o palácio...
Parece-me que estou ao pé de um lago: sinto o cair das
fôlhas na água...

Parando a olhar para trás:

Pareceu-me ouvir passos... Quem está aí?... Quem
sois vós?... Bem vos vejo... dizei... quem sois?...
Já os não vejo... Fugiram...

Continuando a andar:

Ah! ¡como a floresta é escura!... Na sombra passam outras sombras...

UMA VOZ

muito ao longe:

Acudam!... Acudam!

BELKISS

parando a escutar:

Quem será? A voz é de mulher e parece molhada de lágrimas... Alguma pobre mulher atacada pelas feras...

Entrando numa clareira iluminada por milhões de piri-lampos:

Oh!... Oh!... Como isto é lindo!... Que de piri-lampos!... ¡Dir-se-ia que nascem do chão!...

Maravilhadamente, senta-se entre as altas ervas. Os piri-lampos, prendendo-se na felpa da sua túnica, vestem-na de esmeraldas incandescentes.

A VOZ

aproximando-se:

Acudam!... Acudam!...

BELKISS

A voz aproxima-se... Quem quer que seja vem para aqui... Sinto o gemer das fôlhas sêcas que estão sendo pisadas... Quem quer que seja vem a correr...

A VOZ

já próxima:

Acudam!... Acudam!...

De entre as árvores, como se viesse perseguida por uma alcateia de lobos, sai uma doida, quasi nua, cheia de sangue e toda desgrenhada, que se lança, perdida de medo, aos pés de Belkiss, escondendo nervosamente a cabeça orvalhada no pátio branco da rainha.

A DOIDA

Deixa-me esconder aqui... não te bulas... ¡Se êles me vêem, matam-me!... Se perguntarem por mim, dize-lhes que me deitei ao mar...

BELKISS

¿Mas quem te fez mal?

A DOIDA

erguendo-se um pouco e abrindo muito os olhos vagos e alucinados:

¡Está tudo cheio de reis doidos e furiosos! ¡Só de olharem para mim, estou toda queimada!

BELKISS

Mas não vejo ninguém... Não sinto passos...

A DOIDA

É porque vêm de gatas... São muito manhosos... Mas tu verás!... daqui a bocado... tu verás!... ¡Caem sôbre mim e levam-me! Cães!... Morderam-me toda e querem levar-me...

BELKISS

Mas quem?... ¿Para onde te querem levar?

A DOIDA

Os reis endoideceram e querem levar-me para o fundo do lago... São muitos...

Silêncio. Os pirilampos fogem todos para o interior da floresta. A clareira fica em absoluta treva.

BELKISS

Como te chamas?

A DOIDA

Não sei... não tenho nome... Também, não tenho pena... ¿Para que me servia um nome? Desde que levaram a minha filha, já ninguém chama por mim...

BELKISS

¿Tinhas uma filha e levaram-ta?

A DOIDA

Foi um dêles que a levou... levou-a para o fundo do lago...

*O vento entra pela clareira,
levantando as fôlhas sêcas do
chão.*

Êles aí vêm! Êles aí vêm! Não vês as fôlhas? Até
as fôlhas fogem dêles...

*Segurando-se ao pátio de
Belkiss:*

Lá estão êles... Não os vês?

BELKISS

*olhando, medrosamente, em
volta de si:*

Não vejo... não...

A DOIDA

*apontando com o dedo e fa-
lando muito devagarinho:*

Ali... Ali...

BELKISS

*subjugada pela alucinação da
doida, e soltando um grito de
terror:*

Agora sim... bem os vejo...

*Encolhe-se toda, cheia de pa-
vor.*

A DOIDA

*com a voz rouca, sumida e
trémula:*

Estão escondidos atrás das árvores... Estão à nossa
espera...

BELKISS

Tenho medo!... Oh!... ¡E como êles são grandes!

A DOIDA

São mais altos que as árvores...

BELKISS

¡E estão a olhar para nós!... ¡Não tiram os olhos daqui!

A DOIDA

Ouves?... Estão a falar... E estão a rir... Ouves?... Ouves como êles riem?

BELKISS

Outro!... Olha outro!... Não têm conta...

A DOIDA

E acolá... acolá estão uns poucos...

BELKISS

Estamos cercadas!

A DOIDA

Já não podemos fugir!... ¡Vão levar-nos para o fundo do lago!...

BELKISS

Ali, entre aquelas árvores, não está nenhum... Fugamos por ali!

A DOIDA

cada vez mais trémula e falando cada vez mais baixinho:

Não vale a pena... Correriam atrás de nós!... Estamos perdidas!... ¡Vão levar-nos para o fundo do lago!

BELKISS

completamente alucinada:

Fujamos por ali! Fujamos por ali!

Belkiss e a Doida começam a correr desesperadamente.

BELKISS

com a respiração angustiada:

Acudam!... Acudam!... Zophesamin!. . Hor-siatf!... Zophesamin!... Acudam!...

A DOIDA

correndo sempre a par de Belkiss:

Êles aí vêm! Corre mais depressa! Corre mais depressa!

BELKISS

estacando, de súbito:

Não posso! Estou presa pelos cabelos! Prenderam-me pelos cabelos! Acudam! Acudam!

Belkiss cai desmaiada sôbre uma moita de anacâmpseros, planta que tem a virtude de despertar e avivar paixões amorosas. Sempre a correr e a gritar, a Doida some-se na treva da floresta... Um grande silêncio desce das árvores... A noite segue em paz até que, aos primeiros alvares da manhã, se escuta um rumor crescente de passos e vozes... Belkiss dorme em sossêgo...

A VOZ DE HORSIATF

Provavelmente caíu a algum dos lagos...

A VOZ DE ZOPHESAMIN

Ou foi comida pelas feras...

A VOZ DE HORSIATF

Ainda não vimos nódoas de sangue... Provavelmente caíu nalgum dos lagos... Vamos àquele... Foi lá que morreu o príncipe...

Um pequeno intervalo durante o qual se escuta apenas o barulho dos passos.

A VOZ DE HORSIATF

Zophesamin! Zophesamin! Lá está ela! Está morta!

A VOZ DE ZOPHESAMIN

amarguradamente:

Onde?

A VOZ DE HORSIATF

Ali... à tona de água... Bem dizia eu!... Morreu afogada!...

A VOZ DE ZOPHESAMIN

Belkiss!... Minha filha!... Minha pobre Belkiss!
 Mas
 onde está ela? Não a vejo!...

A VOZ DE HORSIATF

Além... no extremo do lago... Daí não podes vê-la...
 Está escondida pelos juncos...

*Novo intervalo. A manhã en-
 tra, clara e medrosamente, pela
 floresta.*

A VOZ DE HORSIATF

Zophesamin! Zophesamin! ; Não é Belkiss... é uma
 velha!...

A VOZ DE UM ESCRAVO

; É a doida da floresta!

A VOZ DE ZOPHESAMIN

Gritem por Belkiss... gritem com fôrça... Eu já não
 posso gritar...

A VOZ DE HORSIATF

Belkiss!... Belkiss!... Belkiss!...

AS VOZES DOS ESCRAVOS

Belkiss!... Belkiss!...

A VOZ DE HORSIATF

Talvez voltasse ao palácio por outro caminho... talvez nos desencontrássemos... Belkiss!... Belkiss!...

A VOZ DE ZOPHESAMIN

Vejo aqui sinais de passos... Venham por aqui... São as passadas de Belkiss... Vê, Horsiatf, cá estão os sinais das suas sandálias...

*Zophesamin, Horsiatf e os
escravos chegam ao sítio onde
Belkiss continua a dormir, toda
molhada pelo orvalho.*

ZOPHESAMIN

doido de alegria:

Cá está ela!... e não está morta, não!... está a dormir!... Belkiss! Belkiss!... Belkiss!

BELKISS

despertando:

Onde estou eu? Ah! és tu, Zophesamin...

ZOPHESAMIN

enternecido:

Belkiss! minha filha! je nós que te julgávamos morta!

BELKISS

Ah! ¡como tu és mau, Zophesamin! Para que me acordaste? Estava a sonhar... ¡e o meu sonho era tão lindo!...



VIII

A CHEGADA DA FROTA



— *No palácio de Sabá. Dominando a cidade e o mar, um elevado terraço, ladrilhado de mármore verde, e circundado de alegretes cheios de lírios brancos, de Antióquia, e vermelhos, de Lícia. Ao entardecer... Em baixo, nas ruas e nas praças, grande movimento de estrangeiros. Do bairro dos fenícios sobem aflitivos clamores. Zophesamin e Horsiatsf passeiam vagarosamente ao longo do terraço, cheio de sombra.*

ZOPHESAMIN

HÁ quasi oito dias que não sai da sua alcova... Está sempre deitada, sem dizer uma palavra... Já não parece a mesma, parece uma velhinha...

HORSIATF

Tens razão, parece uma velhinha...

ZOPHESAMIN

Eu bem queria que Belkiss não fôsse à floresta... A floresta, à noite, amedronta gigantes, e Belkiss é frágil como uma flor...

*Ao fundo do terraço, passa
Ladiké, levando uma urna de
bronze cheia de água.*

HORSIATF

Como está Belkiss?

LADIKÉ

parando:

Estive a vesti-la... Diz que quiere vir para o terraço...
e que vai ter uma grande alegria...

ZOPHESAMIN

Uma grande alegria?

LADIKÉ

Sim... mas não sabe que alegria seja... Tem estado
a rir e a cantar... Tem falado muito de Salomão...

ZOPHESAMIN

¿Tem falado muito de Salomão? Que tem ela dito?

LADIKÉ

Muitas cousas... Que a enganaram, que lhe querem
mal, mas que, daqui por diante, há-de fazer o que muito
bem quiser, só o que ela quiser... Que Salomão é o
mais lindo e o mais sábio dos reis e que todos o detestam
porque todos o invejam...

ZOPHESAMIN

Vai para onde ias, Ladiké...

Ladiké caminha para as escadas que levam ao jardim. Apreensivo e sombrio, Zophesamin continua a passear, ao lado de Horsiatf.

HORSIATF

Bem te dizia eu, Zophesamin... Juravas que o coração de Belkiss estava cheio de cinzas... Estaria... mas não te lembraste de que as cinzas conservam as brasas...

ZOPHESAMIN

sem ouvir Horsiatf:

Eu bem queria que Belkiss não fôsse à floresta... Foram os anacâmpseros... os anacâmpseros é que a desgraçaram...

HORSIATF

Lá vem ela...

Vestida de linho branco, os cabelos em bandós, polvilhados de azul, ao fundo do terraço aparece Belkiss, avançando lentamente, dedilhando uma harpa.

ZOPHESAMIN

Estás melhor, Belkiss?

BELKISS

pousando a harpa:

Estou melhor e vou ter uma grande alegria...

ZOPHESAMIN

Uma grande alegria?... Mas que alegria?

. BELKISS

Não sei... Só sei que vou ter uma grande alegria...

*Acercando-se dos alegretes e
ouvindo os gritos que sobem,
cada vez mais intensos, do bairro
dos fenícios:*

Que gritos são aqueles?

ZOPHESAMIN

São os gritos dos fenícios que lamentam a morte do deus Adon Adonim, ferido por um javali...

BELKISS

Ah! bem sei... Quando eu era pequenina, meu Pai levou-me um dia a ver essas cerimónias... ¿Mas o deus Adon Adonim morre todos os anos?

ZOPHESAMIN

Morre todos os anos, quando o sol pára no solstício de estio, e ressuscita à entrada do solstício de inverno...

BELKISS

Como êles gritam! ¡Parecem gritos de naufrágio ou de incêndio! Eu era muito pequenina quando vi essas cerimónias... já não me lembro... O que fazem êles?

ZOPHESAMIN

Os homens estão no templo de Astártea, mutilando-se cruelmente, ao som das flautas e das trombetas do ritual...

BELKISS

Mas os gritos que ouço não vêm do templo de Astártea... parecem soltos ao ar livre...

ZOPHESAMIN

São os gritos das mulheres que correm pelas ruas... Umas andam rapadas à escovinha, outras despenteadas como doidas... Gritando e chorando, rasgam os vestidos e os seios com estiletos de aço, fustigam-se com ramos de cardos secos e espojam-se no chão como jumentas...

BELKISS

!E que de gente que anda pelas ruas!

ZOPHESAMIN

A cidade está completamente cheia. Da Tôrre de Isis ao deserto, e de Menfis à segunda catarata, tudo se despovoou para assistir ao entêrro de Adon Adonim.

HORSIATF

Fui esta manhã à cidade e voltei de lá como doido: há um barulho de ensurdecer orelhas de bronze... Não se pode fazer uma idea daquela variedade de tipos e de vestuários: túnicas de todas as côres, turbantes e mitras de todos os feitios, homens e mulheres da Arábia e do Egito, das tribus de Shemik, de Kasa, de Sus, de Sabiri e de Makisa, himiaritas e berberes...

ZOPHESAMIN

Há pouco, vi eu naquela praça muitos trogloditas da beira-mar, todos pintados de cerusa e com rocais de conchas e búzios ao pescoço...

HORSIATF

Até ouvi dizer que, à noite, protegidos pelas sombras, aparecem blémios, selvagens do oeste, que não têm cara e cujos olhos e bôca se lhes abrem no peito, cimalgos, que têm cabeça de cão, e artabitas, que caminham como os quadrúpedes...

BELKISS

*sinalando um jardim disposto
do alto de um monte fronteiro:*

Vejo um jardim no alto daquele monte... Nunca o tinha visto... É singular!... Parece que todos aqueles arbustos e todas aquelas flores nasceram e medraram de ontem para hoje...

HORSIATF

Tens razão... Aquele jardim foi arranjado ontem, ao entardecer, com arbustos e flores de outros jardins... Foi lá que os fenícios levantaram a sepultura do seu deus... Amanhã tudo estará sêco...

BELKISS

*inquieta, como quem está à
espera:*

Sinto que está para chegar qualquer cousa que há-de encher-me de alegria...

ZOPHESAMIN

A desgraça é cheia de disfarces... Não te fies em palpites lisonjeiros...

BELKISS

Não me engano, não... Sei quando está para chegar a desgraça e quando está para chegar a ventura...

ZOPHESAMIN

Não te fies na ventura... ¡Só a desgraça é forte! A desgraça serve-se da ventura para nos distrair e para depois nos atacar à traição...

BELKISS

Mas há tanta gente feliz...

ZOPHESAMIN

Momentâneamente feliz... Cada hora de felicidade custa muitos anos de dores... A felicidade é para a alma o que o perfume é para a mirra: a mirra só tem perfume depois de a queimarem...

BELKISS

És muito cruel, Zophesamin... Apenas me vês com uma esperança, logo ma tiras... Transida de frio, ponho-me ao pé de uma fogueira, e tu, mal eu começo a aquecer, comesas a lançar-me bolas de gelo...

ZOPHESAMIN

¡Se viesses um cego, julgando dirigir-se para um jardim e caminhando para um abismo, o que farias tu?

BELKISS

Começaria a gritar com toda a fôrça, a dizer-lhe que voltasse para trás, que fugisse do abismo...

ZOPHESAMIN

Já vês que tenho razão, minha ceguinha... À fôrça de gritar, para te desviar dos abismos, a minha voz tornou-se mais fraca do que essas apagadas vozes que vêm de muito longe, por entre o nevoeiro...

BELKISS

*estremecendo e apontando
com um dedo cheio de anéis:*

Que navios são aqueles?

ZOPHESAMIN

Quais?

BELKISS

Aqueles... lá muito ao longe... Não vês?

ZOPHESAMIN

*a mão em alpendre sôbre os
olhos:*

Não... não vejo... só vejo os que estão junto do cais...

BELKISS

E tu, Horsiatf, não os vês?

HORSIATF

tomando a atitude de Zophesamin:

Onde?

BELKISS

Lá muito ao longe...

HORSIATF

Vejo... vejo... Vejo umas cousas vagas ao longe, mas não me parecem navios...

BELKISS

São navios, são... tu verás... Olhem... olhem... no cais já deram por êles... Lá estão aqueles homens com as mãos em docel sôbre os olhos...

HORSIATF

Agora sim!... agora sim... já os vejo... São navios... são... Já vejo as velas e as flâmulas...

ZOPHESAMIN

Não os vejo... Só vejo uma nuvem negra que se dirige para cá...

BELKISS

Estás a sonhar, Zophesamin... O céu está limpo de nuvens...

HORSIATF

Belkiss tem razão: nunca vi um céu tão claro...

ZOPHESAMIN

Nem tu nem Belkiss a vêem, mas acolá vem uma nuvem negra, cada vez mais negra, cada vez maior...

BELKISS

Estás iludido, Zophesamin, estás a sonhar...

ZOPHESAMIN

numa grande tristeza:

Prouvera a Amon que eu estivesse a sonhar... Mas não estou a sonhar... não... Os olhos não são iguais, e, ordinariamente, os mais cegos são os que mais vêem... Eu não vejo os navios, mas tu não vês a nuvem... e a nuvem não é ilusão da minha vista... Ela lá vem... ela lá vem... cada vez mais negra, cada vez maior...

BELKISS

*olhando para os navios que
se aproximam:*

Um... dois... três... quatro... cinco... seis...

Numa sobressaltada alegria:

São seis os navios! ¡Repara, Horsiatf, são seis, os navios! ¡Talvez seja a minha frota!

HORSIATF

Talvez seja... talvez... Mas se fôsse a frota, já teríamos ouvido as trombetas de prata... Teu Pai ordenou a Nastosenen que, no regresso, apenas avistasse a cidade, mandasse tocar as trombetas...

*Súbito, nos navios, que já vêm
perto, rutilantes de flâmulas,
clangoram trombetas argenti-
nas, em clamores de triunfo.*

BELKISS

*saltando e rindo como uma
criança:*

Ouves, Horsiatf? Ouves, Zophesamin? É a minha frota!... ¡O cais já está cheio de gente! É a minha frota! O som das trombetas é cada vez mais distinto... ¿Ainda os não vês, Zophesamin?

ZOPHESAMIN

*olhando o céu, melancòlica-
mente:*

Só vejo a nuvem... Só vejo a nuvem... além...

BELKISS

¿Mas que tens tu, Zophesamin? ¿porque estás tão triste, quando todos estão tão alegres?

ZOPHESAMIN

Não sei porque... mas antes a frota se tivesse perdido...



IX
A NVVEM



— No palácio de Sabá. Uma grande sala hipostila, maior que a de Karnak, completamente atulhada pelas mercadorias da frota. Dos caixões entreabertos pendem, numa ardente promiscuidade de côres, e alastram-se pelo chão, em ondas flexuosas, linhos bordados, sêdas de reflexos metálicos, lhamas e peças de púrpura... De alguns odres estoirados correm fios de ouro em pó. Encostados às colunas, numa confusão de pilhagem, grandes e incoerentes montões de urnas de prata cheias de perfumes e de especiarias, adagas, lanças e broquéis, faianças e bronzes esmaltados, dentes de elefante, feixes de plumas, ventarolas, peliças, troncos aromáticos, metais em barra e molhadas de raízes secas... Acompanhada por Nastosenen, Belkiss percorre a sala, admirando as suas novas riquezas.

BELKISS

E estes frascos, o que contêm?

NASTOSENEN

Êste tem água de uma fonte de Zama, que faz oleosa e suave a voz mais áspera e hostil. Êste tem água da fonte Asbadea, que torna hidrónicos os perjuros...

BELKISS

E aquele?

NASTOSENEN

Aquele tem óleo de rosa... Enchi-o na ilha Titis, num maravilhoso lago dêsse líquido.

BELKISS

¿E naquela caixa, o que trazes?

NASTOSENEN

Fôlhas e raízes virtuosas: raízes de *baaras*, que repelem os génios funestos; raízes odoríferas de *bacchar* e fôlhas de *balis*, que ressuscitam os mortos... Estas fôlhas de *heliantes*, cozidas com banhas de leão, açafão e vinho de palmeira, servem para fricções, que dão à pele um cheiro e uma macieza surpreendentes...

BELKISS

E aqueles frutos?

NASTOSENEN

São limões colhidos à beira do lago Asphaltite: parecem de ouro e estão cheios de cinza...

BELKISS

Ah! bem sei... Zophesamin fala muito dêsses limões: diz que são como as mulheres vaidosas...

NASTOSENEN

De Babilónia trouxe estes tapêtes flexuosos como colchões de penas, e estas peças de linho finíssimo, todas bordadas a matiz...

BELKISS

E aqueles cofres?

NASTOSENEN

São de marfim: comprei-os a um pastor do Ganges... O mais pequeno contém antimónio para pintar os olhos, e o maior está cheio de *henné* para tingir as unhas... Naqueles odres trago ouro em pó, de Tarsis... Em Tiro, comprei estes mantos de púrpura e estas sêdas verdes, de tons inconstantes, que parecem feitas com a água de um lago envenenado...

*Abrindo uma urna de bronze,
picada de respiradouros:*

Vês estas enguias, Belkiss... vê como são lindas! Usam brincos de pérolas e vêm comer à mão...

BELKISS

Como são lindas!

NASTOSENEN

Estes vasos estão cheios de aromas... mirra, incenso de Gardefan, olíbano, almíscar, unguento de nardo, *stirax* e cinamomo... Aqui tens vinte garrafas de *chalibon*, vinho precioso, reservado para os reis da Assíria, e doze urnas com cerejas de Madaï, de infusão em vinho de palmeira...

BELKISS

E pedras preciosas? Não trazes pedras preciosas?

NASTOSENEN

Para enfeitar vinte rainhas...

*Belkiss senta-se num tapête
de Babilónia, vermelho e farto,
emquanto Nastosenen começa a
acarretar para junto dela inú-
meras conchas de tartaruga aco-
guladas de pedras preciosas.*

BELKISS

*apanhando uma mancheia de
pedras vermelhas:*

Parecem carbúnculos... ¿Como se chamam estas pedras?

NASTOSENEN

Lincúrios... São cristalizações de urina de lince e atraem o cobre, o ferro, as fôlhas sêcas e as palhas...

*Levantando do chão, com
grande esforço, uma esmeralda
colossal:*

Vê esta esmeralda!... tem quatro cóvados... Só há uma maior: aquela que um certo rei de Babilónia mandou ao Pharaó...

BELKISS

extasiada:

Como é brilhante! Hei-de pô-la no observatório para ver por ela os eclipses...

NASTOSENEN

Estas, mais pequenas, têm uma qualidade singular... envelhecem, embranquecem com o tempo...

BELKISS

Dizem que os cabelos brancos são produzidos pela desgraça... Talvez estas esmeraldas sofram... ¿ Como será a alma das esmeraldas?..... E estes carbúnculos arroxeados?

NASTOSENEN

São *ametistiζontes*... A esta pedra chamam *anthracitis*... Parece um carvão... Borrifada com água torna-se em brasa, e apaga-se quando a lançam ao fogo...

BELKISS

E esta?

NASTOSENEN

Chamam-lhe *calaïs* e só se encontra nas altas montanhas dos Fícaros, onde a neve é eterna. As *calaïs* estão encravadas nos rochedos e são tão brilhantes que parecem olhos vivos... Os caçadores, vendo êsses rochedos com olhos, ficam gelados de pavor e atacam-nos a golpes de funda: é então que as *calaïs* caem, como lágrimas dos rochedos... Vê como o seu verde é moderado e doce... Dizem que é a pedra que melhor vai com o ouro...

BELKISS

¿ E esta, que tem dentro uma estrelinha branca?

NASTOSENEN

É uma *ceráunia*... As *ceráunias* absorvem a luz dos astros... Cheira agora esta pedra: é uma *aromátita*.

BELKISS

Tem o cheiro e a côr da mirra.

NASTOSENEN

Todas as rainhas amam a *aromátita*... Esta chama-se *apsictos*: aquecida ao fogo, conserva o calor por sete dias...

BELKISS

¿E esta, que parece uma cabeça de tartaruga?

NASTOSENEN

Chama-se *brontea* e é muito rara: as *bronteadas* caem do céu por ocasião das grandes trovoadas... Esta outra, que parece um coração de boi, é também muito rara e só se encontra nos arredores de Babilónia...

BELKISS

Como se chama?

NASTOSENEN

Bucárdia... Esta é um *ôlho de Belus*; esbranquiçada, tem no meio como que uma pupila negra, picada por um reflexo de ouro...

BELKISS

examinando o ôlho de Belus:

Parece que olha para mim... Ah! je como eu me vejo tão pequenina, lá dentro! Parece que estou a mirar-me nuns olhos amigos...

NASTOSENEN

Esta chama-se *sandaresus*. Vê como é cristalina... e dentro está cheia de estrêlas que parecem de ouro a fer-ver...

BELKISS

Parecem luzinhas a arder dentro de água... Zophe-samin tem uma luzinha como estas...

NASTOSENEN

Repara bem para esta *pæderos*, toda irisada, transparente como o cristal e verde como o ar das florestas... Estas ametistas apagam a embriaguez; tendo gravados os nomes do sol e da lua e suspensas por cabelos de cinocéfalo, preservam dos malefícios... Aqui tens berilos da Índia, de um verde de mar calmo; *andródamas*, que atraem a prata, o cobre e o ferro; ónix da Arábia; *cianos* do alto Egipto, salpicados de ouro; *pedras de águia*, que favorecem os partos; topázios da ilha Titis; ágatas verdes, que tornam inofensiva a mordedura das serpentes; grãos de âmbar, diamantes, esmeraldas de Juba, astérias, lápis-lazúli de Madaï, perídotes, dáfnias, obsidianas...

BELKISS

Tenho os olhos cansados, Nastosenen, e cegos de tanto brilho... Parece-me que estive um dia inteiro a olhar para o sol... Já não diferencio as côres umas das outras... Os meus olhos estão como os velhinhos, que, tendo visto muito, acabam por confundir tudo o que viram... Amanhã verei o resto... Agora, Nastosenen, conta-me alguma cousa das tuas viagens...

NASTOSENEN

*sentando-se num tamborete de
cedro e tomando dois goles de
charab, bebida arábica, que
um escravo negro lhe serve
numa taça de ouro, cravejada,
interiormente, de turquesas:*

Dois dias depois de termos partido de Sabá, perdemos num nevoeiro e fomos dar a um país, onde os rios correm sôbre palhetas de ouro. Os homens dêsse país, nus e com grandes colares de berilos, enfiados em cabelos de elefante, atacaram-nos como se fôssemos feras, e obrigaram-nos a abalar por entre o nevoeiro, cada vez mais fechado... Ao cabo de muitos dias de aflição, desembarcámos na terra dos *ástomos*, criaturas singulares que não têm bôca e que se nutrem de perfumes, e tão pouco humanos que o sol bate nêles sem produzir sombra... Os *ástomos* vivem ao ar livre, em bosques aromáticos, caminhando extasiadamente, sorvendo a cada instante, com voluptuosidade bem manifesta, a alma dos lírios novos e das rosas que se fanam, e aquecendo-se, pelas noites de frio, em volta de sândalos incendiados... Quási todos vivem numa contemplativa inércia, com olhos de quem está tendo visões divinas... Os mais activos cultivam jardins de sonho... Alguns dêsses jardins são todos compostos de flores alvas, de lírios, açucenas, jasmíns, tuberosas e rosas brancas: nas ruas dêsses vergéis brancos passeiam apenas as virgens, os poetas, os místicos e os sonhadores, todos vestidos de roupagens, que parecem brumas, e tangendo cítaras de sons pálidos... Os lascivos e os orgulhosos têm jardins exclusivamente plantados de flores rubras, de amarantos, de eufórbias, de

rosas escarlates e de cravos... Os enfermos têm jardins de flores verdes, porque o verde é a côr mais amada nas convalescenças, côr serena e símbolo da vida; os velhos têm jardins de flores azuis, porque o azul é a côr mais pacífica e a côr do céu, para onde estão voltadas todas as esperanças de todos os que se aproximam da morte; os ambiciosos têm jardins de flores douradas, as crianças têm jardins esmaltados de todas as côres e nuanças, e os infelizes, para que uma viçosa vegetação circundante não contraste amargamente com a agonia das suas almas, divagam em jardins onde as flores nascem murchas, onde tudo é tão triste, tão apagado, tão lívido que faz parecer alegre a própria tristeza... Estivemos longos dias no país dos *ástomos*, a colhêr aromas, e mal o nevoeiro se desfez voltámos ao mar Vermelho e encontrámos a ilha Titis, cujo solo é todo de topázios... De Titis, fomos à ilha Orina, que te pertence, ilha encantada, onde as rosas são grandes como cabeças de homem, e as roseiras altas como ciprestes. As cabras que lá pastam são graciosas como gazelas e o seu leite sabe a flores. Aí nos demorámos por largo tempo, caçando pelicanos, flamingos, garças e maçaricos reais, e pescando pérolas amarelas, que mais tarde, em Babilónia, me serviram de moeda para comprar estofos...

BELKISS

¿E não chegaram a Jerusalém?

NASTOSENEN

Chegámos...

BELKISS

E viste Salomão?

NASTOSENEN

Deixando a ilha Orina, começámos a percorrer os portos da Arábia: Ocetis, Musa, Madian e Ælana, até que arribámos a Eziongaber, onde desembarquei com trinta marinheiros. Visitei as principais cidades do sul da Síria: Arad, Gerar, Lakisch, Gaza e Mizpah, até que, uma tarde, saindo de Mizpah e encontrando um caminho empedrado de basalto negro, de Bashan, e flanqueado de altas palmeiras, soube, pelo homem que nos guiava, que já estávamos perto de Jerusalém.

BELKISS

Fala-me de Salomão, Nastosenen, conta-me alguma cousa de Salomão.

NASTOSENEN

Chegámos a Jerusalém num anoitecer de violeta e ouro... Celebrava-se então a festa dos Tabernáculos, e todos os jerosolimitanos haviam saído de suas casas e viviam em tendas brancas, cobertas de verdura...

BELKISS

E Salomão?

NASTOSENEN

O rei saía do palácio, quando chegámos à praça de Melo... Do alto das muralhas lançavam-lhe açucenas, e, à medida que ia caminhando, ia deixando atrás de si um carreiro de mulheres que beijavam, de joelhos, os sinais dos seus pés... Outras, com a bôca na poeira do caminho, estendiam os cabelos cheios de perfumes, no sítio onde Salomão ia passar... Um velho de barbas brancas, longas como as de Zophesamin, acercou-se dêle,

e mostrando-lhe uma filha linda como a lua, pediu-lhe que a recebesse no seu leito... As virgens ajoelhavam-se a seus pés, e, rasgando as túnicas, exibiam a frescura intacta dos seus seios arquejantes como rôlas feridas, procurando assim cativar os olhos do rei...

Começa a escurecer: é meio-dia e parece quási noite.

BELKISS

¿E é lindo, Salomão?

NASTOSENEN

Lindo como um deus. Os seus olhos, negros e fundos como duas minas de água, obrigam à genuflexão: até as palmeiras e os rochedos parecem ajoelhados quando êle passa... Tem uma bôca de donzela: ao falar, com a sua voz de harpa, dir-se-ia que está a comer jasmins e rosas... Quando lhe dá o sol, a sua sombra é azul... e dizem que a sua sombra cura as feridas e faz medrar as flores... Tem o andar lento, as mãos longas e pálidas como lírios enfermos e traz os dedos cheios de anéis e as unhas douradas...

BELKISS

inquieta e magnetizada, os olhos em fogo:

¡Não pares, Nastosenen, não pares, conta-me mais cousas de Salomão! Zophesamin e Hadad são dois mentirosos... Eu disse a Hadad que Salomão era sábio, forte e justo como nenhum outro rei e Hadad riu-se de mim... Conta-me a verdade, Nastosenen, conta-me tudo o que sabes de Salomão e terás o que quiseres... ¿A magnificência de Salomão é quási divina, pois não é verdade?

NASTOSENEN

As suas riquezas encheriam celeiros... Salomão é senhor de todo o país que vai de Dan até Bersábea e de Thapsa até Gaza. Junto do seu palácio tem quarenta mil mangedouras... À sua mesa gasta, por dia, trinta coros de flor de farinha e sessenta de farinha ordinária, dez bois gordos e vinte dos que andam a pastar, cem carneiros e muitos veados, corças e aves cevadas. O seu palácio, levantado pelos architectos do rei Hirão, é todo de cedro, e o seu trono de ouro e marfim, flanqueado de leões do mesmo metal.

A escuridão é cada vez maior...

BELKISS

sem reparar na treva circundante:

Disse-me Hadad que Salomão não é sábio, como se conta...

NASTOSENEN

Hadad odeia Salomão... Salomão é mais sábio que todos os sábios... Passa os dias compondo parábolas e cânticos e não há mistério que êle não decifre.

BELKISS

Disse-me também Hadad que Salomão é fraco...

NASTOSENEN

Salomão ama a paz... Gosta de levantar cidades, não gosta de as destruir... Fez as muralhas de Maggedo,

de Hazor, e de Guezer, reedificou Bethhoron, Balaath e Palmira, e encheu Jerusalém de pórticos, piscinas e jardins... Mas nada tão grande, tão sôbre-humanamente grande, como o Templo por êle levantado no alto do monte Moriah. Solene como uma fortaleza, todo revestido de coluquintas abertas em cedro dourado, a sua porta está fendida entre duas altas colunas de bronze, floridas a cinzel e rematadas por capitéis, onde rêdes, cadeias e romãs se misturam com admirável artifício. Dentro, há dois aposentos, o *kekal* e o *debir*, divididos por um véu de sêda, bordado a quatro côres. O *kekal* encerra o altar dos perfumes, a mesa dos pães e a serpentina de sete braços; no *debir*, onde só entra o Sumo Sacerdote, está guardada a arca de Jahveh, assente sôbre gigantescos touros alados e protegida pelas asas, laminadas de ouro, de dois querubins... Num pátio interior, que rodeia o Templo, vê-se o *mar de bronze* e o altar dos holocaustos...

BELKISS

*interrompendo Nastosenen,
excitadíssima:*

Basta, Nastosenen, basta!... Não é preciso que o meu espírito aprenda pelos ouvidos o que há-de aprender pelos olhos... Quero ir a Jerusalém! ¡Quero ir ter com o meu senhor!

A treva é completa... Fazendo grande alarido, chorando e gemendo como se alguém acabasse de morrer, entram na sala Zophesamin, Horsiatf, Amene-mopit e todas as escravas.

BELKISS

*assustada pela escuridão e
pelos gritos:*

O que foi? O que aconteceu?

AS ESCRAVAS

Uma grande desgraça! Uma grande desgraça!

ZOPHESAMIN

¡Está uma grande nuvem em volta do palácio! ¡É a
nuvem que eu vi ontem! ¡Vai chegar uma grande des-
graça!

BELKISS

Talvez seja algum eclipse!

ZOPHESAMIN

¡Não é um eclipse, não! ¡Lá fora está tudo cheio de
sol, só o palácio é que está cheio de treva!

BELKISS

*chegando à janela e recuando
espavorida:*

Fujamos! Fujamos!

*Todos fogem, sem tino, à luz
sangüínea dos archotes.*

X
A PARTIDA



— *A alcova de Belkiss, no palácio de Sabá. A nuvem continua em volta do palácio, negra e frigidíssima, a despeito dos esforços das escravas, que, baladadamente, agitam, às janelas, grandes colchas de sêda... Rodeada de lâmpadas acesas, num trono de ouro cravejado de esmeraldas, Belkiss treme de frio, encolhida como uma pobrezi-nha.*

BELKISS

HÁ sete dias que vivemos nesta escuridão... Acendam mais luzes! Acendam mais luzes!... A treva é cada vez maior... ¡Ainda não é meio-dia e já parece meia-noite!... Morro de frio... Ladiké! Ladiké! vai buscar todos os meus mantos e cobre-me com êles...

Ladiké sai.

ZOPHESAMIN

*profundamente triste, os olhos
doidos:*

Está para chegar uma grande desgraça... ¡Por toda a parte vejo prenúncios de uma grande desgraça! Anda

um estranho, um ente sobrenatural qualquer, dentro do palácio... Esta manhã, os lírios do terraço apareceram decapitados e pisados... De quando em quando, reben-tam grandes ruídos misteriosos, inexplicados...

*Ouve-se um grande estrondo
que abala todo o palácio.*

Ouviste?

BELKISS

tremendo de medo e frio:

O que seria? O que seria? Vai ver o que foi, Han-nah...

Hannah parte.

ZOPHESAMIN

No dia em que morreu teu irmão, uma nuvem seme-lhante envolveu o palácio e todos ouviram estrondos como os que agora ouvimos... Mas a nuvem não era tão negra, porque a desgraça não era tão grande...

BELKISS

Manda fechar as portas.

ZOPHESAMIN

Estão fechadas com todos os ferrolhos...

BELKISS

com voz suplicante:

Vamos fugir, Zophesamin, vamos fugir... Fugamos depressa...

ZOPHESAMIN

Para quê?... A nuvem iria atrás de ti...

BELKISS

Mas porque será isto?

ZOPHESAMIN

¡E ainda o perguntas!... ¡Por tua causa, Belkiss, por tua causa!

BELKISS

aterrada:

Por minha causa?

ZOPHESAMIN

com os olhos cada vez mais doidos:

¡Sim, Belkiss, por tua causa, por causa dêsse funesto amor! A nuvem que nos cerca, sepultando-nos numa noite mais húmida e tenebrosa que a dos túmulos, os estrondos que ouvimos, as sombras que vemos e os gemidos que escutamos, ignorando quem os solta, tudo isso veio apenas tomaste essa desgraçada resolução de ir a Jerusalém. Bem se vê que Amon-Ra-Harmakhis é teu amigo: repara como êle te avisa... Reconsidera, Belkiss, põe de banda essa tenção e verás dissipada a nuvem e os fantasmas, extintos os estrondos e apagados os gemidos. Bem te dizia eu que não fôsses à floresta... Tu, minha ceguinha, não quiseste ouvir-me... Foste... E tão desgraçada que adormeceste sôbre um travesseiro de anacâmpseros, sôbre essas flores de sortilégio, que sugerem paixões mais fortes que o mar e mais desvairadas que o vento... Reconsidera, Belkiss, não vás a Jerusalém...

*Entra Ladiké carregada de
preciosos e pesados mantos de
púrpura.*

BELKISS

Cobre-me, Ladiké, cobre-me... morro de frio.

*Ladiké põe-se a agasalhá-la.
Ao fundo aparece Hannah.*

HANNAH

Ninguém sabe donde partiu aquele estrondo...

*A um gesto de Zophesamin,
Ladiké e Hannah retiram-se,
silenciosamente.*

BELKISS

Como tudo é escuro! Dir-se-ia que estamos num
palácio soterrado...

*Um grande estrondo, seguido
de clamores de aflição.*

ZOPHESAMIN

Os estrondos são cada vez mais fortes... Reconsi-
dera, Belkiss, abandona o teu propósito e verás, de novo,
o sol...

BELKISS

Não posso, Zophesamin, não posso...

ZOPHESAMIN

com dureza:

¿Porque é que não podes? Quem te obriga? ¿Que paixão é essa por um homem que nunca viste? ¿Que alma é a tua que, tendo já abandonado tão absurdo amor, voltaste a recebê-lo e a acariciá-lo com dobradas carícias, assim que ouviste Nastosenen descrevendo as magnificências de Salomão? ¡É o seu ouro que te deslumbra! Então mais te valera apaixonares-te por uma mina... ¡Abre bem os olhos da alma! ¡Estrangula êsse desejo, torce-lhe o pescoço sem piedade, e pisa-o como se pisasses uma víbora!

BELKISS

cortando as palavras com soluços:

Tens razão, tens, meu velhinho... A tua razão é tão grande como a minha desgraça... Eu própria vejo a loucura do meu intento, mas não posso abandoná-lo... Sinto que vou despenhar-me num grande abismo ouriçado de cardos e piteiras, num abismo cheio de serpentes, e quanto mais quero parar, mais corro para lá... Sinto que é a desgraça que me empurra: sinto as suas mãos nas minhas costas... Sinto que se me vai partir o coração e não posso suportá-lo inteiro... Não posso... não posso, Zophesamin! Não são os sentidos que me perdem, já não são os beijos de Salomão que me chamam, nem a vaidade que me tenta: ¡é a desgraça que me empurra, Zophesamin! ¡é a desgraça que me empurra! Cada um tem o seu destino certo mas ignorado; eu, porém, ai de mim! tenho um destino de enternecer rochedos e, ai de mim! conheço-o e não lhe posso fugir...

Um grande trovão. O vento abre trágicamente uma janela e fora, na treva, aparece o fantasma branco da rainha Isimkhib, mãe de Belkiss.

BELKISS

erguendo-se alucinadamente, gritando e apontando o fantasma:

Zophesamin! Zophesamin!

ZOPHESAMIN

assombrado, e trémulo:

É tua mãe, Belkiss! é tua mãe...

BELKISS

caminhando para a janela e tentando segurar as roupas do fantasma:

Minha mãe! minha mãe!

O fantasma desaparece.

BELKISS

Fugiu!... Oh! Oh! !molhou-me toda com as suas lágrimas!

ZOPHESAMIN

Era tua mãe a dizer-te que não fôsses...

BELKISS

Era minha mãe a chorar a minha desgraça...

Silêncio. Ao cabo de alguns instantes abre-se uma porta e aparece Horsiatsf.

HORSIATF

Está tudo pronto...

BELKISS

dirigindo-se para a porta, com o braço esquerdo numa flexão de quem vai pela mão de alguém:

Vamos, Zophesamin...

ZOPHESAMIN

¿Porque levas a mão assim no ar?

BELKISS

É porque a tenho presa... É a desgraça que me leva pela mão...

Exeunt.



XI

NO LAGO DA DEMÊNCIA



—De noite. Caminho de Jerusalém, a caravana da rainha de Sabá descansa à beira do lago da Demência. O lago dorme, coalhado de serpentes brancas. Os morcegos rasam a terra, em vôos doidos. Belkiss está sentada à porta da sua tenda: junto dela, Zophesamin, Horsiatf e Amenemopit.

BELKISS

TENHO medo daquelas serpentes...

HORSIATF

Sossega... não tenhas medo... Aquelas serpentes não fazem mal...

BELKISS

¿Será muito fundo, êste lago?

AMENEMOPIT

Dizem que é muito fundo e que comunica com o mar... Às vezes, aparecem aqui fragmentos de embarcações... A sua água, que é naturalmente doce, torna-se salgada três vezes durante o dia e outras três durante a noite...

BELKISS

Teríamos feito melhor em acampar num sítio menos sombrio...

ZOPHESAMIN

Foi o destino que nos mandou parar aqui: faltaram-nos as fôrças mal avistámos estas árvores... O destino, que é a vontade embuçada dos deuses, gosta de fazer surpresas, mas desta vez despiu todos os disfarces, abandonou todos os embustes e mostra-se como é: pavoroso, inexorável, mortífero... Há quasi um mês que vivemos em sobressaltos, perdidos em florestas onde não entra o sol, rodeados de ameaças, seguidos por fantasmas que gemem, não encontrando, para nos pentearmos, senão lagos de águas infelizes, no fundo das quais parecemos mortos... Já não sabemos o que é um dia claro... O destino traz-nos por caminhos cheios de tristeza, preparando-nos assim para as tristezas maiores que vão chegar...

Grande e gelado silêncio.

BELKISS

Só vejo um astro no céu, e êsse mesmo parece que está a chorar sangue...

AMENEMOPIT

¿Onde vês tu um astro?

BELKISS

Além... entre aqueles ramos...

AMENEMOPIT

É o planeta de Hardoshir, que, em certos momentos do ano, tem um singular movimento de retrocesso...

BELKISS

¿Com quem aprendeste a conhecer os astros?

AMENEMOPIT

Com os astrólogos de Denderah e sobretudo com um neto do famoso Thotemhabi, chefe dos astrónomos reais no tempo da vigésima dinastia.

BELKISS

¿Como será feito o céu?

AMENEMOPIT

O céu é um grande oceano cercando a terra por todos os lados... É nesse oceano que os génios seguem Osiris nos seus barcos de ouro...

BELKISS

para Horsiatf:

Que as harpistas toquem alguma cousa... Mas que seja uma música alegre... E acendam fogueiras... ¡Está tudo tão escuro, está tudo tão triste!... Os escravos costumam cantar e rir quando vão nas caravanas, mas desta vez todos se concentram, calados e scismáticos, como se as suas mães estivessem para morrer...

Ouve-se o gemer das harpas.

Nunca ouvi uma música tão triste... Quero uma música alegre, Horsiatf, dize-lhes que toquem uma música alegre...

ZOPHESAMIN

Quando a alma está triste, nada há tão triste como uma música alegre. Remédio para a tristeza, só conheço um: uma tristeza maior... Quando uma dor fina nos atormenta, só a podemos esquecer com outra mais intensa, e por isso puxamos os cabelos, trincamos a língua e mordemos os beijos... Mas porque estás triste? ¿Não vais realizar o teu desejo?

BELKISS

Entristece-me esta atmosfera de maldição, que nos rodeia... entristecem-me as tuas palavras. A tua dedicação, Zophesamin, tem-me feito pior que vinte mil inimigos... Quando estou friorenta, molhas-me com água gelada; quando estou morta de calor, acendes fogueiras em volta de mim... Vês-me em vésperas de realizar o mais claro dos meus desejos e não fazes senão escurecê-lo... Terás razão, terás, Zophesamin, mas devias calar-te... Devemos enganar os moribundos, devemos convencê-los de que vão melhorar... ¿Onde haverá crueldade que se compare à de quem entenebrece a pintura da morte à cabeceira de um agonizante?

ZOPHESAMIN

¿E onde haverá dedicação que se compare à de quem se lança a um lago cheio de serpentes venenosas para salvar um doido? Já te não digo que voltes para trás, porque sou mais fraco que o destino, e foi o destino que te conduziu até aqui... Vais em cata da felicidade, como

se os desgostos que já tens não fôsem bastantes para te martirizarem... Tens uma alma ceguinha de nascença...

BELKISS

E, quando a minha alma começa a ter esperanças de ver, tu, Zophesamin, não fazes senão apagar essas esperanças...

ZOPHESAMIN

¿O que farias tu se viesses uma criança colhendo flores à beira de um alto rochedo cortado a pique sôbre o mar?

BELKISS

Iria buscá-la...

ZOPHESAMIN

E a criança começaria a chorar, mas tu nenhum caso farias do seu choro, porque antes a criança chorasse que morresse afogada... Mas sossega, Belkiss, sossega... Nunca mais te falarei em tal... O destino é muito forte e eu sou muito fraco... Nunca mais te falarei em tal...

Silêncio.

BELKISS

¿E as fogueiras que eu mandei acender? Acendam-nas depressa... A escuridão é cada vez maior...

HORSIATF

Não foi possível acender fogueiras... Os troncos e as fôlhas não querem arder...

Em frente da tenda real aparece um caminhante espectral,

extremamente pálido e emmagrecido, todo mordido pela poeira.

HORSIATF

Donde vens?... Vê-se que vens de muito longe...

O CAMINHANTE

Venho de Tanis... Trabalhava lá num canal e adoeci... Venho morrer à minha terra...

BELKISS

Tens fome?

O CAMINHANTE

Há dois dias que não como...

BELKISS

Dêem-lhe de comer... Que novas trazes?

O CAMINHANTE

Tudo está em paz... Houve uma guerra em Edom, mas felizmente o Egipto ficou tranqüilo...

BELKISS

¿ Houve uma guerra em Edom?

O CAMINHANTE

Houve... Entre Hadad e Salomão...

BELKISS

Entre Hadad e Salomão?

O CAMINHANTE

Sim. O rei Hadad levantou os edomitas contra Salomão...

BELKISS

cheia de inquietação:

E quem venceu? ¿Foi Salomão, não é verdade?

O CAMINHANTE

Não. Foi Hadad o vencedor...

*Belkiss cai desmaiada nos
braços de Zophesamin, que a
leva para dentro da tenda.*



XII
A CHEGADA



— No mês de zio, em Jerusalém. Laminados de ouro, os palácios ardem ao sol; das janelas pendem cobertas de púrpura. No alto das muralhas e dos terraços, acenando com floridos galhos de amendoeira, homens, mulheres e crianças esperam, em aclamações festivas, a chegada da rainha de Sabá, cujo séquito vem coleando, majestosamente, o Kedron, entre nuvens de poeira ruiva. A fanfarra do cortejo clangora, luciolante de ouros, em amplas hossanas de triunfo... Homens e meninos trepam às palmeiras; e, pelas ruas, entre a multidão cada vez mais espessa e marulhante, os vendedores apregoam água das piscinas de Hesebon e cerejas de Urumyeh... O cortejo sobe a colina, vagarosamente: as alabardas e os broquéis irradiam entre labaredas de pendões e auriflamas... E os jerosolimitanos dilatam os olhos, cheios de pasmo, na contemplação dos arautos que vêm tocando trombetas de prata; dos elefantes, dromedários e cavalos, carregados de bagagens e cobertos com véus rubros, estrelados de gemas incandescentes; da fanfarra real, cujas trompas, címbalos, nubélias, clarins e asciores simulam monstros fabulosos; e da teoria das sambucinas, todas cingidas pelo sablah egípcio, às riscas brancas e verdes. Numa névoa de fogo, a poeira elimina o resto do cortejo, que se esconde, repentinamente, num bosque de figueiras e sicómoros.

Chove ouro. Súbito, um clamor de vitória faz estremecer os palácios: o cortejo transpõe, deslumbradoramente, a porta das Piscinas. Das janelas e dos terraços cai uma chuva de flores; todas as gargantas gritam, todos os olhos

faiscam, todos os braços se erguem, e o vento morno do deserto agita, como línguas de fogo, as bandeirolas dos mirantes e as colgaduras dos peitoris. Belkiss surge finalmente, em cima de um elefante branco, toucado com um martinete de plumas preciosas e coberto por uma rêde de ouro, entre cujas malhas sangram carbúnculos. Aparamentada como um ídolo; um amplo manto, de púrpura, caindo-lhe dos ombros; os cabelos enluarados com limalha de prata; o rosto velado por um véu amarelo, da Bactriana, quási imaterial, como um fumo dourado; toda cheia de pedrarias rutilantes, ardendo em tremulinas de côres húmidas; entre uma revoada de aves maravilhosas, que se agitam no ar, escarlates, azuis e verdes, presas por cadeiazinhas invisíveis, Belkiss acompanha, preguiçosamente, com o seu leque de plumas de pavão, o ritmo ondeante das harpas... Em volta do elefante real, as escravas dançam, coroadas de flores, sacudindo sistros argentinos e balouçando grinaldas, em requebros de voluptuosa moleza...

O cortejo entra na praça de Melo. Todo vestido de brocatel, os cabelos apertados por um diadema de linho e pérolas, Salomão está na varanda principal do palácio, as mãos metidas num vaso de bálsamos, para aspergir Belkiss à sua passagem.



XIII

SOB AS NOGUEIRAS



— *No jardim de Salomão, ao
entardecer. Ahizar e Zabud
conversam à beira de uma fonte.*

AHIZAR

Todos estão maravilhados com os presentes que a rainha de Sabá trouxe a Salomão. Nunca vi pedras tão belas nem aromas tão cheirosos. Para guardar o ouro trazido por Belkiss, foi necessário desocupar duas tulhas que estavam cheias de trigo...

ZABUD

Todos os seus presentes são admiráveis, mas mais admirável é a sua beleza. Ao pé de Belkiss, Vaphres é uma candeia ao luar... Há dias, um escravo de Vaphres veio dizer-me que a rainha de Sabá era feiticeira. Fiquei sobressaltado com esta notícia, temendo que Salomão perdesse a saúde e a sabedoria...

AHIZAR

Porquê?

ZABUD

Porque o contacto carnal com uma feiticeira causa doenças e escurece o espírito mais lúcido... Fui ter com Salomão e contei-lhe o que ouvira...

AHIZAR

E Salomão?

ZABUD

Foi para a sala do norte, cujo pavimento é de prata pulida, e mandou chamar Belkiss. Assim que esta appareceu, o rei olhou para o chão e, em vez de dois pés caprinos, de feiticeira, viu dois pés de pisar flores, espelhados no chão...

AHIZAR

Dizem que Belkiss é virgem.

ZABUD

Dizem isso, dizem, mas muito breve há-de conhecer as voluptuosidades da carne... Talvez hoje mesmo... O que tolhe Salomão e Belkiss é a sombra dêsse velho Zophesamin, que os não perde de vista, passando as noites à porta dos aposentos da sua pupila, sempre alerta, sem fechar os olhos. O velho, porém, perde o seu tempo... Esta noite, sem que Zophesamin dê por tal, Belkiss mudará de alcova... Salomão anda doido de amores... Surpreendeu-a ontem, ao entardecer, quando Belkiss se despia para entrar no banho. Semi-nua, estava deitada num tapete de Carmânia, rubro e mole, e Ladiké, a escrava, raspava-lhe o corpo com um estrígilo de marfim...

Vendo Salomão e Belkiss, que se aproximam sob as nogueiras:

Ei-los!

Ahizar e Zabud escondem-se entre o arvoredor. Salomão e Belkiss avançam, lentamente,

na pompa das suas túnicas falhentas, entreolhando-se extasiados, e brincando, distraidamente, com os saquinhos de mirra que trazem ao pescoço.

SALOMÃO

Mandei perfumar a nossa alcova com incenso e cinamomo... O nosso leito é de madeira do Líbano, e todo coberto de púrpura finíssima, três vezes tinta nos canais dos tintureiros... Apenas rompa o luar, quando os vinhos da ceia tiverem adormecido todos os convivas, desaperta as presilhas das tuas sandálias e, sem fazer barulho, como quem fôsse colher uvas a uma vinha alheia, dirige-te para a nossa alcova...

BELKISS

Não sei onde fica a alcova onde fizeste armar o nosso leito...

SALOMÃO

Mandarei desfolhar açucenas e elas te ensinarão o caminho...

BELKISS

As nossas sombras vão a par... e, projectadas sobre as flores, tornam as flores mais belas...

SALOMÃO

A tua voz, ó minha amiga, é mais fresca e mais saborosa que os pomos que se derretem na língua, e as tuas palavras saem da tua bôca tão embalsamadas, que dir-se-ia que andaram a brincar num horto aromático...

BELKISS

No meu coração anda um rebanho de cordeirinhos sequiosos... Mal rompa o luar, encontrarão uma piscina de águas claras e matarão a sede.

SALOMÃO

Os teus seios são duas tendas reais, a cuja sombra dormirão os meus olhos...

BELKISS

Desfaleço de amor, amigo meu... Ampara-me nos teus braços... Como o ar é doce! Como eu estou contente! Mas, ai de mim! ainda não experimentei o calor dos teus beijos e já sinto o frio com que a saudade dêles há-de vestir a minha alma...

SALOMÃO

Se tu quiseres, amiga, deixaremos os nossos reinos e iremos ser pastores... Viveremos a amar-nos à sombra das macieiras floridas... Dormiremos ao luar, em lençóis de prata, e os sítios onde dormirmos ficarão cobertos de flores, por mais arenosos que sejam... Só te deixarei falar defronte dos ecos, porque a tua voz é preciosa como o ouro; e, assim, defronte dos ecos, de cada vez que falares, ouvir-te-hei duas vezes...

Lentamente, Salomão e Belkiss desaparecem sob as folhagens, no mistério do crepúsculo... Ahizar e Zabud saem do esconderijo e sentam-se, de novo, à beira da fonte.

AHIZAR

Nunca os meus olhos viram dois namorados tão bellos... ¡E que divina felicidade escorria dos seus olhares e das suas palavras!

Inquieto, olhando para todos os lados, aparece Zophesamin.

ZOPHESAMIN

Não os vistes passar?

ZABUD

Quem?

ZOPHESAMIN

Salomão e Belkiss... Não os vistes passar?

ZABUD

titubeante:

Passaram por aqui...

ZOPHESAMIN

Passaram por aqui? ¡Este terreno nunca mais dará flores! ¡Por onde eles passarem, até as ervas ficarão secas!... E o que diziam? ¿Não ouvistes o que diziam?

ZABUD

Iam falando de Hadad e da guerra que, há pouco, tivemos com os edomitas...

ZOPHESAMIN

desvairado, ameaçador:

Estás a mentir, Zabud! Não era de Hadad que eles iam falando...

ZABUD

¿Se não acreditas nas minhas palavras, para que mas pedes?

ZOPHESAMIN

¡Prouvera a Amon que neste jardim se abrissem agora duzentas cavernas de leões!

AHIZAR

baixo, a Zabud:

Está doido!

ZOPHESAMIN

¡Seria o modo de evitar a grande desgraça!

Por entre as folhagens, chegam as vozes aflitas de Salomão e de Belkiss, pedindo socorro.

ZABUD

O que seria?

AHIZAR

Vou ver o que foi...

Exit.

ZABUD

Pareceu-me a voz de Salomão...

ZOPHESAMIN

Eram as vozes de Salomão e de Belkiss...

ZABUD

Vou também ver o que foi...

ZOPHESAMIN

cortando-lhe a passagem:

É inútil. Se estivessem em perigo, continuariam a gritar... Algum susto... É quasi noite, e no sítio onde elles estão deve ser já noite fechada, por causa do arvoredor...

Silêncio. Pouco depois, apparece Ahizar.

ZABUD

O que foi?

AHIZAR

Salomão e Belkiss estavam debaixo de uma nogueira quando lhes appareceu uma cobra...

ZOPHESAMIN

E não foram mordidos?

AHIZAR

Felizmente, não... Era uma pequena cobra inofensiva, que se escondeu, mal ouviu falar...

ZOPHESAMIN

Estavam abraçados, provavelmente... Pois foi pena que a cobra não tivesse mais tino... Se estavam abraçados devia ter apertado esse abraço... devia tê-los abraçado para sempre... Já não aconteceria o que vai acontecer...

XIV

O CAMINHO DE AÇUCENAS



— *De noite. Um longo e tenebroso corredor, sem principio nem fim, no palácio real de Jerusalém. Abre-se uma pequena porta e aparece Belkiss, descalça, os cabelos soltos, toda vestida de branco.*

BELKISS

escutando e levantando uma lâmpada de prata:

ESTÁ tudo a dormir... Está tudo em silêncio... Ouvir-se-ia uma aranha a fazer a sua teia...

Olhando para o chão e vendo um carreiro de açucenas desfolhadas, que segue pelo corredor fora:

Cá estão as açucenas desfolhadas...

Começa a caminhar cautelosamente:

Pareceu-me ouvir passos... Foi ilusão... Parecia-me ouvir os passos de Zophesamin... ¡Como êste corredor é comprido!... Parece que não acaba...

*O carreiro de açucenas en-
curva-se para uma porta:*

É aqui!... Tenho medo de bater...

*A porta abre-se brandamente.
Belkiss entra e a porta fecha-se
sem o mais leve ruído. O corre-
dor fica em treva. Um grande
e prolongado silêncio.*

*Alta noite. Ao fundo do cor-
redor, ouvem-se os passos caute-
losos de Zophesamin, que pára
à porta donde Belkiss saiu, ho-
ras antes.*

ZOPHESAMIN

escutando à porta:

Está a dormir... Nem sequer se ouve a sua respira-
ção... Enganei-me... Julguei que seria hoje a mons-
truosa noite, que há-de originar tantas desgraças, mas
vejo que me enganei... Se o rei cá estivesse, com cer-
teza ouviria os seus suspiros, porque a luxúria é uma
ladra inábil, que sempre se deixa ouvir por mais cautelas
que tenha... E entretanto... antes tivesse sido hoje...
Estar à espera da desgraça, vê-la surgir a cada instante,
senti-la em cada ruído, é suplício bem maior que o pêso
de todas as desgraças juntas..... Está tudo
perdido! já ninguém pode valer-lhe... Corações doidos!
Corações miseráveis! Quando tudo vos impele para o
caminho da simplicidade e da resignação, meteis-vos por
complicadas veredas, que levam ao desespero, enganado-

ramente floridas com flores de mentira! Quando tudo vos diz que a felicidade é mais inacessível que os planetas, quando tudo vos diz que só a desgraça existe, fazeis ouvidos de mercador, e cada um de vós, julgando-se excepcionalmente favorecido pelos deuses, julgando que a miséria é só para os outros, corre atrevidamente atrás da ventura, como se os deuses fizessem excepções... ¿Pois não vêdes, que só caem das altas montanhas os que lá subiram? Miseráveis cegos! Miseráveis surdos! Ides ao encontro da felicidade, como um rancho de pobres crianças correndo ao encontro de um cão danado, que as morde terrivelmente, em vez de brincar com elas... ¿Donde vêm os nossos sofrimentos? — Da saúde dos desejos realizados e da impossibilidade de realizar desejos... Estrangulemos, pois, os nossos desejos e viveremos quietos... ¿Mas de que serve o estar eu a prègar, se tendes ouvidos de pórfiro? Mais me valera ir prègar para os desertos...

Escutando à porta dos aposentos de Belkiss:

Nem o mais leve rumor... Se tivesse morrido, não estaria mais silenciosa... Costuma sonhar alto, mas esta noite ainda não lhe ouvi uma palavra sequer...

Estremecendo, dominado por uma idea terrível:

Quem sabe?

Batendo à porta e chamando devagarinho:

Belkiss... Belkiss...

Batendo e chamando com fôrça:

Belkiss!... Belkiss!...

Abre a porta e entra na alcova de Belkiss donde sai, pouco depois, como doido:

¡E eu que não me tinha lembrado disto! Está tudo perdido! Está tudo perdido!

Começa a amanhecer. Desgrenhada e pálida, os olhos cheios de lágrimas, Belkiss sai dos aposentos, onde passou a noite, trazendo na mão a lâmpada apagada. Zophesamin esconde-se no vão de uma porta.

BELKISS

olhando para o chão com olhos de terror:

Oh! Oh! ¡As açucenas estão cheias de sangue!



XV
EPÍLOGO



— *No palácio real de Sabá.
Uma pequena câmara comple-
tamente escurecida pela nuvem
que continua em volta do palá-
cio. Pelos cantos, em tripodes
de bronze, ardem lâmpadas de
argila. Ao fundo, a porta da
alcova onde Belkiss agoniza.
O pequenino príncipe David
está sentado no chão, ao pé de
Zophesamin.*

ZOPHESAMIN

Não queres ir passear?

DAVID

Não, amiguinho, não quero sair daqui...

ZOPHESAMIN

É singular... Estás sempre pronto para sair e só hoje é que te deu para ficar no palácio. ¿Porque não queres tu sair?

DAVID

muito devagarinho:

Não fales tão alto que podes acordar a mãesinha... Não quero sair sem falar com ela... ¿Quando é que teremos sol?

ZOPHESAMIN

Amanhã...

DAVID

Todos os dias me dizes: amanhã... Afinal os dias vão passando e o sol nunca chega... Também... não me faz falta... Estou tão acostumado a esta escuridão, que, quando saio e vejo o sol, volto sempre com os olhos a arder... ¿Há muito tempo que esta nuvem cobre o palácio?

ZOPHESAMIN

Há nove anos... Desceu sôbre o palácio um ano antes de tu nasceres...

DAVID

Sabes, amiguinho?... mas não digas nada a ninguém... a mãesinha quer fugir da gente...

ZOPHESAMIN

Porque dizes isso?

DAVID

Quando está acordada, chama-me para o pé de si e dá-me uns beijos e uns abraços de quem está para fugir.

ZOPHESAMIN

Está sossegado... a mãesinha não nos deixará...

DAVID

¿Porque será que a mãesinha está sempre a chorar?

ZOPHESAMIN

Porque está doente... mas daqui a pouco, verás, ficará boa e deixará de chorar...

DAVID

¿Porque será que toda a gente olha para mim com olhos tristes?

ZOPHESAMIN

Não ficam tristes quando te vêem... Andam sempre tristes por causa da doença de tua mãe...

DAVID

Não é isso, não, amiguinho... Andam alegres, mas ficam tristes quando me vêem...

ZOPHESAMIN

Vai dormir um bocadinho... Deves estar com sono... Levantaste-te muito cedo e passaste toda a noite às voltas...

DAVID

Tenho medo que a mãezinha fuja enquanto eu estou a dormir...

ZOPHESAMIN

Não tenhas medo... Não tenhas medo... Ficarei ao pé dela... Quando ela acordar, irei chamar-te...

DAVID

Prometes?

ZOPHESAMIN

Prometo... vai descansado...

David parte. Momentos depois entra Horsiatf.

HORSIATF

Como está Belkiss?

ZOPHESAMIN

Creio que se aproxima a grande hora... Está a dormir desde ontem, e receio bem que não desperte mais...

HORSIATF

Melhor fôra que só acordasse na outra vida...

ZOPHESAMIN

Melhor fôra que não tivesse nascido...

HORSIATF

Só com uma grande alma se pode sofrer o que ela tem sofrido há nove anos...

ZOPHESAMIN

Há plantas que não medram nos climas frios e almas que não são para êste mundo. A alma de Belkiss era dessas... Sofreu como uma palmeira levada para as terras do gelo...

HORSIATF

Algumas vezes, cheguei a duvidar da tua sabedoria, mas agora é que vejo que tinhas razão, que tiveste sempre razão.

ZOPHESAMIN

A vida e a morte de Belkiss serão um grande exemplo, uma aterradora prevenção para todos os insensatos que não sabem ler o próprio destino no destino dos outros... Cada um dos nossos semelhantes é um espelho que Amon

nos deu para nos vermos e acautelarmos; ¡mas nós, miseráveis que nós somos! ¡em vez de nos mirarmos com vagar, fechamos os olhos! Somos como os elefantes, que turvam as águas claras onde vão banhar-se, a fim de não verem a sua fealdade... ¿Olhamos para todos os lados, corremos todos os países e o que encontramos? — doenças, melancolias, saudades, ódios, humilhações, desesperos... Tudo nos diz que Amon faz governar êste mundo por uma rainha: a Desgraça! e todos queremos fugir à vontade de Amon, como se a vontade divina não fôsse absoluta, eterna, invulnerável e inexorável... Belkiss realizou o seu desejo, foi enleada pelos braços lisonjeiros de Salomão, mas, em paga, ficou com a alma em farraços, nunca mais teve um instante de alegria, dir-se-ia que acumulou no coração todas as tristezas de todos os corações, e, para aliviar a sua dor, habituou-se de tal modo a chorar, que até chora a dormir...

*Silêncio. Súbito, ouve-se um
pálido murmúrio de vozes na
alcova de Belkiss.*

A VOZ DE BELKISS

A hiena...dizia...p'la noite...estrelada...
Co'a voz...disfarçada...às filhas...dos reis...
Princesas...calcai...da mata...os tapêtes...
Tomai...braceletes...medalhas...e anéis...

Ouvindo-a...a princesa...que estava...fiando...
Lá parte...cantando...p'la noite...serena...
Ó almas...enchei-vos...de funda...tristeza...
Chorai...a princesa...comida...p'la hiena...

*A voz extingue-se lentamente.
Começa a clarear.*

ZOPHESAMIN

Dizem que algumas aves só cantam quando estão para emigrar... Repara, Horsiatf, a nuvem começa a tornar-se mais clara, mais transparente...

HORSIATF

Parece que está a amanhecer...

A VOZ DE BELKISS

Ó almas...enchei-vos...de funda...tristeza...
Chorai...a princesa...comida...p'la hiena...

*David entra precipitadamente,
com os seus pequeninos olhos
alucinados.*

DAVID

Onde está a mãezinha? onde está a mãezinha? Fugiu?
Fugiu, não é verdade?

ZOPHESAMIN

carinhoso:

Não, David... A mãezinha está ali e está melhor...
Tem estado a cantar...

*A nuvem vai-se desfazendo a
pouco e pouco. A câmara co-
meça a dourar-se e a luz das
lâmpadas a empalidecer.*

DAVID

Nunca ouvi cantar a mãezinha... Deve cantar muito bem... ¡A sua voz é tão linda!... Oh! Oh! Oh! a nuvem vai-se embora... já vejo o sol!

*Entrando a correr na alcova
de Belkiss:*

Mãezinha! Mãezinha! lá vem o sol!...

*Ouvem-se os beijos de Belkiss
nos cabelos de David.*

*Vestido à moda israelita, apa-
rece um mensageiro.*

O MENSAGEIRO

A rainha?

ZOPHESAMIN

A que vens?

O MENSAGEIRO

Venho buscar o príncipe David... Sou mandado pelo rei Salomão, que o quer junto de si, para lhe transmitir a sua sabedoria incomparável.

ZOPHESAMIN

Quando desejas partir?

O MENSAGEIRO

Amanhã.

ZOPHESAMIN

O príncipe estará pronto.

O mensageiro sai do aposento.

HORSIATF

Amon teve dó dela... Conservou-lhe o filho até à morte...

A VOZ DE BELKISS

Chorai...a princesa...comida...p'la hiena...

A voz apaga-se extenuadamente. Silêncio.

A VOZ DE DAVID

aflitivamente:

Zophesamin! Zophesamin!

Zophesamin e Horsiatf entram, precipitadamente, na alcova de Belkiss. O sol entra a grandes jorros pelas janelas. Da alcova real saem Ladiké e Hannah, debulhadas em pranto.

EXPLICIT BELKISS.

Coimbra, 23 de Julho de 1894.

VI

Tiresias

BIBLIOGRAFIA

A primeira edição de *Tiresias*, datada de 1895, foi composta e impressa na Imprensa da Universidade e lançada no mercado pelo livreiro Francisco França Amado, de Coimbra.

AO

Doutor Teófilo Braga



TIRESIAS

(ÉCLOGA)

SÍLVIO, cabreiro moço e namorado,
Soprava em rude avena, distraído,
Quando Tiresias lhe surgiu ao lado.

Sim, o próprio Tiresias! Combalido,
Seus cabelos, o tempo os branqueara,
De seus olhos a luz tinha fugido.

Os abismos temendo, co' uma vara
Tateava o solo, e tão confiado êle ia,
Que dir-se-ia que o pau olhos criara.

SÍLVIO

¿Onde haverá metal ou penha fria
Que com suor de compaixão não sue
Por quem, cego, não vê a luz do dia?

TIRESIAS

Por tua voz, que tão macia flue,
Sinto que és moço entre os adolescentes,
E, assim mocinho, ingénuo como eu fui,

Enganado pastor, não me lamentos:
Só se deve chorar quando se veja
Dor que mereça a lástima das gentes.

¡Que o teu espírito alumiado seja,
Como eu fui! Por me veres velho e cego,
¡Não me tenhas piedade mas inveja!

Ouve-me tu, cabreiro, com sossêgo,
Minhas palavras na tua alma grava,
Ao tempo dando proveitoso emprêgo.

Quando Apolo na terra pastoreava,
Tive nos olhos vista, mas sem gôsto,
¡Que os olhos livres fazem a alma escrava!

Pelos Deuses, meu berço foi disposto
Num verde bosque, onde me deu à luz
Cariclo, ninfa de invejado rosto.

Ali medrei, do sol aos raios crus,
E ali, rindo e folgando com pastores,
Serenas olimpiadas transpus.

Vivia em sonhos mil, embaladores,
Dormia ao luar, coroava-me de rosas,
Na minha bôca o mel sabia a flores...

Meus olhos viam cousas deliciosas,
Vergéis mimosos, encantadas ilhas,
O sol, a neve e as linfas murmurosas...

Mas da terra as variadas maravilhas
Cansam como as carícias femininas,
Como as muito apertadas gargantilhas.

Cansadas, dos meus olhos as meninas,
Cansadas das terrenas formosuras,
Procuravam, ansiosas, as divinas.

Neste destêrro, achava só negruras,
Brilhante, o mar me parecia baço,
E as radiosas manhãs, noites escuras;

Parecia-me fusco, ao sol, o espaço,
A branda viração, vento do norte,
Choça mesquinha, o mais soberbo paço.

Do mundo enfastiado, de tal sorte
Se me foi a minh'alma anuveando,
Que até cheguei a desejar a morte,

Mil vezes preferindo ao mundo infando,
Do Tártaro as negríssimas cavernas,
Que o tricéfalo cão guarda, rosnando.

Meus olhos suspiravam p'las eternas,
Olímpicas belezas duradouras...
Mas... ai! j não tinha asas, tinha pernas!

Preso à terra p'los pés, minutos, horas
Me eram tristes: vivia aflitamente,
Qual Salmoneu nas chamas queimadoras...

Certa manhã de estio, resplendente,
Iam meus cães atrás de incauta cerva,
E eu soprava no pífano dolente,

Quando, através dos ramos, vi Minerva
Despindo-se, com seu frescor perene,
O elmo, o escudo e a lança sôbre a erva.

Sôlto o pálio de púrpura, solene,
Os cabelos, a túnica e os colares,
Ei-la que entra nas águas do Hipocrene.

Deslumbrados e acesos, meus olhares,
Por entre as fôlhas, iam-se a beijá-la,
Quais finas frechas golpeando os ares...

Nada do que há da terra à flor iguala
A beleza, que eu estava contemplando,
Tímido, como tímida zagala.

De ver encantos tais, iam medrando
Na minha alma rufladoras asas,
Na vista me corria um licor brando...

¡Meus olhos a queimaram, vivas brasas!
Viu-me a Deusa! e, escondendo os alvos seios
E o ventre de marfim nas fluidas gazas,

Furiosa, com coléricos meneios,
Tirou-me a luz dos olhos atrevidos,
¡Que duma luz melhor ficaram cheios!

Deixei de ver os laranjais floridos,
Os campos onde pastoreava Apolo,
Os templos e os ribeiros foragidos,

Mas, de Minerva, em paga, via o colo,
O peito e a bôca (bôca de criança!)
E a farta coma, onde brincava Eolo...

Foi-me a cegueira tão suave e mansa,
Que a recebi (assim me acuda Zeus!)
¡Por extremo de amor, não por vingança!

Amado por Minerva, os olhos meus,
Ela os encheu da sua formosura,
¡Ela os cegou, para que fôssem seus!

Ah! quão macia achei alma tão dura,
Que me deu no castigo recompensa,
¡D'astros enchendo a minha noite escura!

¡Cego, não topo lince que me vença,
De olhos mais penetrantes e incisivos!
¡Achei calma saúde na doença!

Não vejo os rios, os jardins, os portos,
Mas vejo a Deusa, que divisei nua,
¡E por castigo só me dá confortos!

Envelheci a amar a imagem sua,
Acariciante como a fina marta,
¡Eternamente moça como a lua!

De me vestir de luz nunca se farta,
Ela, que ma tirou e a lua vence,
¡Pois do meu claro céu jamais se aparta!

Plena e fiel ventura me pertence:
São-me os dias perpétuas alvoradas,
Por isso, em consolar-me ninguém pense.

Invejai-me, ó mortais, cujas amadas,
Passado o abril que lhes alinda o rosto,
Se tornam velhas, feias, enrugadas...

¡Invejai-me e cobri-vos de desgosto!
Tal como Anacreonte, velho e amante,
Nunca vendo as tristezas do sol pôsto,

! Vejo a manhã romper a todo o instante!



ÍNDICE

IV

INTERLÚNIO

	Pág.
PREAMBULO DA SEGUNDA EDIÇÃO	9
Presságios	13
Interlúnio	14
Vaidosas	19
Treze	21
A uma mãe	23
Beijos	25
Podridão	27
Catarina de Ataíde	31
Casas abandonadas	32
Ao prateado Mondego	34
O pastor solitário	37
Amores	40
Alma penada	42
Bodas negras	48
A resposta da lua	50

V

BELKISS

	Pág.
BELKISS, rainha de Sabá, de Axum e do Himiar. .	53
Dramatis personæ	57
I. Prelúdio	59
II. À espera da lua	67
III. Amon-Ra-Harmakhis	85
IV. Hadad	93
V. Interlúdio	101
VI. Para o mistério	105
VII. Per umbram	113
VIII. A chegada da frota	127
IX. A nuvem	141
X. A partida	157
XI. No lago da demência	167
XII. A chegada	177
XIII. Sob as nogueiras	181
XIV. O caminho de açucenas	191
XV. Epílogo	197

VI

TIRESIAS

TIRESIAS	207
--------------------	-----





*Desta edição fez-se uma tiragem especial
de 25 exemplares em papel Mezena,
numerados e rubricados pelo autor.*

ACABOU DE SE IMPRIMIR ÊSTE VOLUME,

AOS VINTE E NOVE DIAS DO MÊS DE

OUTUBRO DE MIL NOVECENTOS

E VINTE SETE, NA IMPRENSA

NACIONAL DE LISBOA



LVMEN
EMPRESA INTERNACIONAL EDITORA

RUA DO MUNDO, 116, 1.º
LISBOA



927 2

ICAS

5720

DO NOT REMOVE THIS
CARD FROM BOOK
POCKET. A FEE OF \$1.00
WILL BE CHARGED FOR
LOSS OR MUTILATION



UNIVERSITY OF ARIZONA
LIBRARY

